



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

Ana Laura Prado Nunes
Graduada em Letras – Uni-FACEF
pradonunesanalaura@gmail.com

Guilherme Soares Machado
Graduado em Letras – Uni-FACEF
guilhermesoares2627@gmail.com

Mariana da Silva Alcântara
Graduada em Letras – Uni-FACEF
alcantaram003@gmail.com

Flávia Herker Lopes
Mestre em Linguística e Língua Portuguesa
flaviaherker@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é refletir acerca das obras universais da romancista pioneira Jane Austen: *Razão e Sensibilidade* (1811); *Orgulho e Preconceito* (1813); *Emma* (1815), através de uma análise acerca das evoluções das heroínas: Marianne e Elinor Dashwood; Elizabeth Bennet; Emma Woodhouse; como também, seus respectivos pares românticos, John Willoughby e Coronel Brandon; Edward Ferrars; Fitzwilliam Darcy; George Knightley; e, posteriormente a construção de seus relacionamentos amorosos, apontando características da escritora, influências e reflexos da vida pessoal em suas obras. Antes de abordarmos o mérito narrativo de cada livro, também será feita uma explanação sobre a vida e carreira de Jane Austen, o contexto histórico e social de cada obra, as profundas temáticas desses romances do século XIX, como: papel da mulher, casamento, classes sociais e, principalmente, o amor, que envolvem o enredo com o intuito de nortear o leitor sobre a importância desses diversos temas e o que eles têm a acrescentar através da trajetória das personagens na sociedade atual. O referencial teórico-metodológico está pautado numa pesquisa bibliográfica baseada nos seguintes autores: Burgess (2006); CCAA [s.d]; Ray (2007); Reff (2014); Babb (1962) que nos auxiliaram na construção e no entendimento na perspectiva tanto em relação às características, estilos e peculiaridades de Austen quanto nas influências e reflexos que suas obras apresentam devido às experiências pessoais por parte da autora, auxiliando desse modo, no enriquecimento da análise.

Palavras-chave: Jane Austen. Amor. Casamento. Heroínas. Literatura.

Abstract

The main objective of this paper is to reflect upon the works of world literature from the pioneer author Jane Austen: *Sense and Sensibility* (1811); *Pride and Prejudice* (1813); *Emma* (1815), through an analysis on her heroines evolution: Marianne and

Elinor Dashwood; Elizabeth Bennet; Emma Woodhouse; as well as their romantic partners, John Willoughby and Coronel Brandon; Edward Ferrars; Fitzwilliam Darcy; George Knightley; and, then the construction of their loving relationship, pointing out the author's characteristics, her influences and how her personal life reflects on her works. Before addressing the narrative virtues of each book, there will also be a report on Jane Austen's career and personal life, the historical and social context of each work, the meaningful themes from these novels of the nineteenth century, such as: the woman's role, marriage, social classes and, mainly, love, which involves the plot in order to guide the reader about the importance of these subjects and what they have to add through the history of the characters in the current society. The theoretical- methodological framework is based on a bibliographic research built on the following author: Burgess (2006); CCAA [s.d]; Ray (2007); Reff (2014); Babb (1962) that assists us in the construction and understanding Austen's perspective in both the relation to traits, styles and peculiarities as well as the influences and the reflection that her works present due to her own experiences, which helped the study development.

Key words: Jane Austen. Love. Marriage. Heroines. Literature.

Submissão: 22/10/2020 **Aprovação:** 06/11/2020.

1 Introdução

A romancista Jane Austen foi uma escritora revolucionária e a frente de seu tempo. Nascida na Inglaterra, em Steventon, a autora vivia em uma época em que as mulheres eram oprimidas e buscavam a ascensão social para que houvesse um papel ativo dentro da sociedade, no entanto, isso era apenas alcançado através de um bom casamento. Entretanto, se colocando contra as regras impostas aos padrões da época, Austen acreditava no amor e não abria mão de seus ideais quanto ao assunto, era uma mulher de opinião.

As obras *Razão e Sensibilidade* (1811); *Orgulho e Preconceito* (1813); *Emma* (1815), objetos de estudo dessa pesquisa, são reconhecidas universalmente e que, inclusive, recebeu diversas adaptações para o cinema, televisão e internet. Nessas obras, Austen nos mostra mulheres fortes, corajosas e convictas de suas opiniões e sentimentos, lutando, a todo momento, por uma posição de respeito perante a sociedade da época. Através delas, Jane Austen aborda uma adversidade de temas que a envolvem como mulher pertencente desse contexto, como: o papel da mulher, o casamento, as classes sociais e os aspectos que giram em torno desse tópico, a questão da primogenitura, mas, principalmente, sobre a construção do amor nessas circunstâncias.

O objetivo dessa pesquisa é abordar e analisar as obras acima citadas, bem como analisar a construção e a evolução ao decorrer da história das seguintes protagonistas: Marianne e Elinor Dashwood, Elizabeth Bennet e Emma Woodhouse; posteriormente, seus pares românticos: John Willoughby e Coronel Brandon; Edward Ferrars; Fitzwilliam Darcy e George Knightley. Todos esses personagens serão analisados para que haja uma melhor compreensão de seus respectivos livros, tal como abordar as características da escritora e suas pretensões perante eles. Mais tarde, correlacioná-los a vida da autora e suas influências.

O referencial teórico-metodológico está pautado numa pesquisa bibliográfica baseada nos seguintes autores: Burgess (2006), CCAA [s.d] que nos



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

auxiliaram na maior compreensão sobre as características e estilos particulares referentes à escrita da autora; Ray (2007) acerca dos acontecimentos pessoais na vida de Austen e que, conseqüentemente, têm influências tanto na construção dos personagens quanto no enredo; Reff (2014) e Babb (1962) para enriquecer a análise dos personagens dos romances em questão.

2 Biografia da autora

Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775 em Steventon, Hampshire, Inglaterra. Austen era a sétima filha de oito, sendo seis homens e apenas duas mulheres. Assim, as duas irmãs tornaram-se cúmplices e a irmã mais velha, Cassandra, foi sempre a confidente da escritora. Filha de George Austen, que era ministro anglicano, Jane e sua irmã chegaram a estudar juntas em Oxford. Contudo, a maior parte de sua instrução deu-se em casa, estudando sob a tutoria de seu pai, sem que se afastasse da família. Numa época em que as ambições de uma jovem passavam exclusivamente por casar e constituir família e em que o acesso à educação para moças era escasso, Jane Austen recebeu uma secretária em mogno de seu pai como presente pelo décimo nono aniversário, sinal de apoio às suas tendências literárias.

Passou boa parte de sua vida na região em que nasceu, contudo mudou-se para Bath em 1801, em seguida para Chawton em 1803, por ocasião da morte de seu pai. A propriedade onde viveu em Chawton, com sua mãe e irmã, foi cedida por seus irmãos. Ao contrário de suas obras que sempre tratam da temática amorosa voltada para o casamento, Jane Austen morreu solteira, do mesmo modo que sua irmã Cassandra. Austen viveu uma relação amorosa com Thomas Langlois Lefroy, um rapaz irlandês recém licenciado em Direito. Jane escrevia cartas à irmã, onde descrevia a cumplicidade entre os dois e as saídas com o “amigo”, chegando a afirmar estar à espera de uma proposta da sua parte. Os jovens nunca se casaram.

Sabe-se, no entanto, que foi durante o período em Bath que Jane recebeu a sua única proposta de casamento. O pretendente chamava-se Harris Bigg-Wither, que tinha a grande vantagem de garantir uma situação econômica estável a Jane e, por conseqüência, à irmã e à mãe. Com isso em vista, a autora aceitou o pedido, mas no dia seguinte arrependeu-se e voltou atrás com a palavra, uma vez que não gostava realmente dele.

Como autora, apesar de ter vivido em meio a um pequeno grupo social, composto pela aristocracia rural inglesa, Austen conseguiu material suficiente para compor elaborados personagens de sua obra, sem que sua vida reclusa limitasse seu talento como romancista. Começou a escrever ainda na adolescência como forma de divertimento para seus sobrinhos. Jane escreveu três pequenas peças e ainda as suas duas primeiras obras mais estruturadas, ambas com teor humorístico. *Amor e Amizade*, escrito aos 14 anos, colocava a ridículo as novelas sentimentais muito comuns na época, e em *A História de Inglaterra*, ilustrada pela irmã Cassandra, a autora parodiou a escrita histórica popular.

2.1 Recursos estilísticos de Austen

Encerrada a adolescência, Jane passou para a escrita de textos mais longos e sofisticados. Suas principais obras são compostas por seis publicações: *Razão e Sensibilidade* (1811), chamada a princípio de *Elinor and Marianne*, *Orgulho e Preconceito* (1813), intitulado inicialmente de *First Impressions* e modificado pela autora após a leitura da frase “*Pride and Prejudice*” no livro *Cecilia* de Frances Burney, *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815), *Persuasão* (1818), com o título inicial de *The Elliot* e *A Abadia de Northanger* (1818), também chamado inicialmente de *Susan* (FURTADO, 2012). O pai manteve-se seu apoiante incondicional: não só lhe coube o fornecimento de todo o material de escrita, como partiu dele a primeira tentativa de publicar uma obra, mais especificamente *Orgulho e Preconceito* (*First Impressions*), embora a carta enviada a um conceituado editor londrino tenha acabado devolvida.

Muitos críticos dividem suas obras em duas etapas, uma que engloba *Razão e Sensibilidade* e *Orgulho e Preconceito*, romances publicados sob pseudônimo “By a Lady”, e outra fase a partir da publicação de *Mansfield Park*, considerada uma etapa mais madura, com um traço maior de serenidade e sabedoria (MELVILLE, 2006). Jane Austen já estabelecida como escritora, mas ainda vivendo no isolamento rural, começou a tomar consciência do declínio do seu estado de saúde ainda no início de 1816 (WATT, 1986), mas continuou a escrever. Terminou seu livro *Persuasão* e, embora seu estado piorasse consideravelmente, desvalorizava o fato. Até os dias de hoje, não se tem certeza do mal que a arrebatou em 18 de julho de 1817, aos 41 anos. *A Abadia de Northanger* e *Persuasão* foram publicados postumamente ainda em 1817, e, por decisão dos irmãos Henry e Cassandra, tinham já a autora identificada.

Para muitos críticos, Jane Austen foi considerada a segunda figura mais importante da Literatura Inglesa depois de Shakespeare e a primeira escritora inglesa moderna, pois deu o impulso de modernidade ao romance inglês (FURTADO, 2012). A obra de Jane Austen foi muito influenciada pelo próprio ambiente em que vivia. Os seus livros podem ser vistos como um certo tipo de crônica social da época, focada na vida do cidadão comum. Houve também autores que, declaradamente, a influenciaram. Romancistas como Frances Burney, famosa pelo tom satírico com que analisava a sociedade, ou a irlandesa Maria Edgeworth, a quem Austen admirava particularmente o uso de humor e ironia circunstancial, eram suas contemporâneas.

Tendo isso em vista, com relação às características da autora, podemos presumir que segundo Bonnie Blackwell (2009, p. 37), ¹“*She has been subjected to New Critical investigations of irony; she has been put on the couch by Freudians; she has been critiqued for her class consciousness by Marxists; she has been interrogated by disciples of feminism, queer studies, and gender studies*”. Já Ian Watt (1986, p. 2) comenta: “*If the current view of Jane Austen is that she is first and foremost a critical observer of humanity who uses irony as a means of moral and social judgment [...]*”. Assim, poderíamos extrair destes dois teóricos diversas características de estilo da autora. Dentre elas está a ironia.

De acordo com Sonogo (2015), a ironia de Jane Austen é colocada como um dos pontos de destaque em suas obras, e junto dela a autora utiliza o senso de humor que permeia as descrições no romance, comentários ou atitudes das personagens e a constante preocupação com o bom senso, a conveniência e a

¹ As citações serão mantidas em seu idioma original para maior autenticidade.



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

moralidade. De acordo com a revista *The complete guide to teaching Jane Austen* (2010, p. 18), a ironia é explicada de duas maneiras: “*Verbal Irony: speech in which what is said is the opposite of what is meant; Dramatic Irony: when the reader or audience understands more about the events of a story than the character in the story*”.

Essa perspectiva está presente no capítulo 8 da obra *Orgulho e Preconceito*, na conversa entre o Sr. Darcy e o Sr. e a Sra. Bingley sobre as mulheres serem “prendadas”.

Sim, todas elas, eu acho. Todas elas pintam mesas, revestem telas e tecem bolsas. Mal conheço alguém que não faça tudo isso e estou certo de que nunca ouvi falar de uma jovem dama pela primeira vez, sem ser informado de que ela era muito prendada.”

“[...] Estou muito distante de concordar com você em sua estimativa das damas em geral. Não posso me gabar de conhecer mais do que uma dúzia, entre todas com as quais me relaciono realmente prendadas.”

“Então”, observou Elizabeth, “Você deve abranger muita coisa em seu conceito de uma mulher prendada.”

“Sim, considero muita coisa nele.”

“Ó, certamente” exclamou sua fiel assistente, “[...] Uma mulher deve ter um vasto conhecimento de música, canto, desenho, dança e das línguas modernas. E além de tudo isso, deve possuir um certo quê em seu semblante e modo de caminhar, o tom de sua voz, sua maneira de falar e suas expressões, ou a palavra será meio merecimento.”

“Tudo isso deve possuir”, acrescentou Darcy.

“Já não estou mais surpresa por você conhecer apenas seis mulheres prendadas. Agora me surpreendo por conhecer pelo menos alguma (AUSTEN, 2012, p. 51-53).

Acerca das personagens femininas, Silva (2006) afirma que na sociedade em que Austen vivia o principal objetivo da mulher era o casamento. Portanto, o universo feminino presente em suas obras gravita ao redor desta temática que vêm acompanhada também de críticas sociais que ocorriam na Inglaterra. Jane Austen, vivendo nesse cenário, escreveu sobre isso de modo inteligentemente crítico, usando a ironia como capa protetora para alfinetar a sociedade. Seus romances revelavam o modo de ser e de sentir da sociedade inglesa, bem como as brechas encontradas para fugir aos arquétipos de dominação do masculino sobre o feminino.

Analisando as mulheres em suas obras podemos perceber que existem dois tipos distintos de comportamento. O racional, que são as mulheres regidas pela razão e que veem no casamento a oportunidade de proteção e segurança, de acordo com o contexto social da época. Este tipo é exemplificado por Marianne Dashwood em *Razão e Sensibilidade*. E o emocional, mulheres que acreditam no matrimônio somente por amor, apesar de alcançarem no final uma união amorosa também financeiramente vantajosa, como ocorre com Elizabeth Bennet em *Orgulho e Preconceito* e Emma Woodhouse em *Emma*. As protagonistas dos romances de Jane Austen evidenciavam em suas falas mordazes a racionalidade feminina que compreendia seu lugar naquele mundo.

Para Emma, o Sr. Elton era a pessoa certa para fazer Harriet esquecer o jovem fazendeiro, porque acreditava que formariam um lindo casal. E que

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H. seria muito desejável, natural e provável que tudo fosse planejado por ela. Porém, teve receio de que todos pensassem do mesmo modo. Não era provável, no entanto, que alguma pessoa tivesse essa ideia antes dela, pois surgiu em sua mente na primeira noite em que Harriet visitara Hartfield. E, quanto mais pensava a respeito, mais acreditava ser conveniente. A situação do Sr, Elton era mais adequada porque ele era um cavalheiro sem ligações com pessoas de nível social inferior e, ao mesmo tempo, não tinha familiares que pudessem colocar objeções a respeito do duvidoso nascimento de Harriet. Ele tinha uma confortável casa para oferecer à amiga, e Emma acreditava que também possuía uma boa renda; embora a paróquia de Highbury não fosse muito grande, ele era conhecido por ter uma propriedade independente (AUSTEN, 2018, p. 42-43).

Outro recurso bastante empregado por Austen é a utilização de cartas. Numa época em que eram o principal meio de comunicação, é comum que as cartas apareçam frequentemente na literatura, mas especificamente nas obras da autora. São um importante recurso na descrição dos personagens, na exploração de seu caráter e na demonstração dos sentimentos, normalmente reprimidos nos encontros sociais. As cartas aparecem em variadas extensões, curtas como as trocadas entre Mr. Collins e Mr. Bennet e longas como as correspondências entre Mr. Darcy e Elizabeth ambas em *Orgulho e Preconceito*.

No seu prefácio para a edição de 2010 de *Orgulho e Preconceito*, Ivo Barroso (2010, p. 10) descreveu muito bem a importância das cartas na obra da autora: “Mas que maneira espantosa de reproduzir tais diálogos ou de escrever tais cartas! Por eles, Jane Austen nos permite avaliar o grau de educação ou a ignorância do personagem e situá-lo na escala social”. Em *Orgulho e Preconceito*, se nos atentarmos para as cartas, devemos destacar a enviada por Mr. Darcy a Elizabeth, logo após ela recusar casar-se com ele. A partir das revelações que Darcy faz naquele papel, Elizabeth começa a repensar sua atitude em relação ao rapaz, fato este que é de fundamental importância para o desenrolar da história, já que é o mote para a reviravolta nos sentimentos da personagem.

2.2 Contexto histórico-social das obras: visão geral

Todos os romances de Jane Austen estão inseridos no contexto da vida diária na sociedade Inglesa georgiana, na virada do século XIX. Como o nome indica, o período georgiano compreende os reinados sucessivos do rei George I. Este foi um período de progressos, e foi o precursor da era vitoriana. Durante a própria vida de Jane Austen, a Grã-Bretanha sofreu com a perda de suas colônias americanas, em seguida, com a ansiedade sobre a Revolução Francesa e, finalmente, venceu o Império Napoleônico e lançou as bases do Império Britânico. Surgiu neste momento o início da industrialização. O período georgiano foi um momento de questionamento moral e de debates e a crescente preocupação com a escravidão foi um desenvolvimento importante, que logo levou à abolição do tráfico de escravos em 1807 e, finalmente, para a abolição da escravatura no Império Britânico em 1833.

Contudo, alguns aspectos essenciais da era georgiana estão praticamente ausentes dos romances de Austen, como a Guerra Revolucionária Americana, a Revolução Francesa, o início da Revolução Industrial e o nascimento do Império Britânico. Ao invés de uma representação da história da sociedade Inglesa em seu geral, os romances de Jane Austen fornecem uma compreensão do



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

modo de vida do nível mais baixo da pequena nobreza na Inglaterra rural. Todavia, este período de guerras explica a importância dos militares nas obras, onde alguns dos protagonistas são oficiais, e a presença de oficiais em funções sociais é frequentemente um fator na vida social das personagens. Em *Razão e Sensibilidade*, temos o Coronel Brandon e Wickham em *Orgulho e Preconceito* é um oficial da milícia.

2.2.1 Contexto Histórico-Social: *Orgulho e Preconceito*

A situação histórica da época é excluída do romance *Orgulho e Preconceito*, o que é demonstrado por Wellek (1963, p. 220) quando diz: “[...] Jane Austen, de cujos romances não podemos nem suspeitar da existência da Revolução Francesa ou das guerras napoleônicas [...]” e por Sena (1963, p. 234): “ Ela própria tinha consciência do carácter aplicadamente miniatural da sua obra romanesca, escrita numa das épocas mais nacional e internacionalmente agitadas da História britânica, cujas vicissitudes são deliberadamente excluídas [...] ”.

Apesar de não ser retratada, essa era a imagem de uma Inglaterra provinciana do final do século XVIII: um país que estava dentro de uma grande transformação com a Revolução Industrial, mas que, ainda, guardava códigos sociais da nobreza e da burguesia, no meio agrário inglês. Em *Orgulho e Preconceito*, a partir do exemplo de Meryton, o subúrbio rural criado e pensado por Austen localizado nos arredores de Londres, podemos reconstruir um pouco da atmosfera da aristocracia rural inglesa durante o século XIX e retratar detalhadamente a sociedade com a sua cultura, os seus hábitos e os seus valores morais. Como rapidamente se percebe, o dualismo entre o amor e o dinheiro é o que faz mover a história. A narrativa construída por Jane Austen tece uma forte crítica à sociedade da sua época, regida pelas ambições econômicas e por relações construídas a partir do interesse.

Austen aborda e denuncia a lei do morgadio, isto é, a organização familiar baseada na noção de uma linhagem. Nesse tipo de sociedade não é permitida a divisão das propriedades, que são transmitidas ao primogênito descendente homem. No caso da família Bennet, que protagoniza o romance, como se tratava de cinco filhas mulheres, não havia filhos que herdassem as propriedades. Ou seja, segundo as normas da época, apesar de haver descendência direta, os bens deveriam seguir para o parente mais próximo do sexo masculino. Na família Bennet, o patrimônio seria herdado por Mr. Collins, um primo de Mr. Bennet.

2.2.2 Contexto Histórico-Social: *Razão e Sensibilidade*

Jane Austen viveu durante o período Regencial (transição entre Era Georgiana e a Era Vitoriana). A guerra entre França e Inglaterra continuava, porém contava, também, com um ambiente liberal e de movimentação cultural, principalmente por conta do Príncipe Regente e sua esposa, defensores das artes e da literatura. Nascida em Steventon, Hampshire, de uma família pertencente à nobreza agrária, sua situação e ambiente serviram de contexto para todas as suas obras.

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H.

Muitas das sociedades tradicionais foram baseadas no princípio da primogenitura. Ele foi o motivo para a infelicidade de Elinor e Marianne em *Razão e Sensibilidade*: a propriedade das terras de Norland é passada diretamente do seu pai para o meio-irmão, John Dashwood, que decide, depois de considerar a questão com sua esposa, Fanny, em deixá-las com uma quantia mensal pequena para que possam sobreviver.

- Talvez, então seja melhor para todos que a soma seja reduzida pela metade. Quinhentas libras seriam para elas um aumento prodigioso das posses!

- Ah, maior que tudo no mundo! Que irmão faria metade disso pelas irmãs, mesmo que fossem realmente suas irmãs! E essas são só meias-irmãs! – Você tem uma alma verdadeiramente generosa! (AUSTEN, 2018, p. 16).

O destino das duas irmãs é uma consequência direta dessa tradição.

2.2.3 Contexto Histórico-Social: *Emma*

O romance na época de Jane Austen era uma forma literária predominante. A obra faz uma transição entre romantismo e o realismo, características vindas da Era Vitoriana, portanto, os dois estilos se fazem presentes em *Emma*. Jane Austen escreveu *Emma* durante o século XIX, no ano de 1814. Cheio de críticas à sociedade, Austen já com uma literatura “madura” traz traços daquele século, mas ironizando hábitos da época.

Com as revoluções surgiu um movimento literário de grande importância para a sociedade, tendo como país principal a Inglaterra já na metade do século XVIII e atingiu as demais literaturas europeias e americanas na primeira metade do século XIX principalmente com o Romantismo. O nacionalismo e a liberdade de expressão eram características do Romantismo e os autores dessa literatura tentavam transmitir o seu estado de espírito conectado a beleza e inspiração às belas paisagens naturais, como também a representação do melancolismo e do sombrio.

O contexto da obra literária de Jane Austen retratou o período da sociedade rural georgiana, que antecede as mudanças advindas com a chegada da modernidade. Historicamente, essa mudança se deu por dois fatores: o primeiro, a revolução agrária que inicia a Revolução Industrial; e o segundo, o colonialismo, as Guerras Napoleônicas e a expansão do Império Britânico (NASCIMENTO, 2012, p. 3).

Em meio a esse novo movimento, muitos outros começaram a aparecer sob a influência de liberdade de criação. A forma como Austen relata esse período é extremamente peculiar, uma vez que a mesma detalha a época com bastante essência.

3 Integrando o leitor

Diferentemente das ambições de uma jovem daquela época, casar e constituir uma família, Jane Austen possuía um outro tipo de paixão: a escrita. Mediante o cenário em que a educação era escassa para as mulheres, Austen, no seu décimo nono aniversário, recebe um presente de seu pai como sinal de apoio às suas tendências literárias, uma secretária em mogno. “Como a primeira mulher que



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

se tornou romancista importante, está acima dos movimentos clássico e romântico; em um certo sentido, preenche a lacuna entre os séculos XVIII e XIX, mas não pode ser enquadrada em nenhum grupo – ela é única” (BURGESS, 2006, p. 209).

Inicialmente, em sua adolescência, começou escrevendo peças e suas primeiras obras mais estruturadas: *Amor e Amizade*, e *A História de Inglaterra*. A partir disso, começa a escrever textos mais longos e sofisticados, e dentre eles, estão suas obras que, atualmente, são mundialmente conhecidas e aclamadas, além de fazer parte do *corpus* desta pesquisa: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Emma* (1815).

O interesse primordial de Jane Austen está nas pessoas, não das ideias, e seu êxito reside na apresentação meticulosamente exata das situações humanas, no delineamento de personagens que são efetivamente criaturas vivas, com defeitos e virtudes, tal como na vida real (BURGESS, 2006, p. 209).

De acordo com Sales (2017), artigo publicado pela revista LITERAUSTEN – Jane Austen Sociedade do Brasil, apesar das traduções brasileiras iniciarem as publicações a partir da década de 40 do séc. XX, há registros que em meados de 1850 as traduções portuguesas de Austen estavam disponíveis para leitores na cidade do Rio de Janeiro. As traduções brasileiras não seguiam, cronologicamente, a ordem original das obras na Inglaterra, portanto, essas primeiras traduções para o português do Brasil ocorreram em 1940. Por meio da Editora José Olympio, foi publicado a primeira tradução de Lúcio Cardoso do livro *‘Orgulho e Preconceito’*; em 1944, *‘Razão e Sensibilidade’* por Dinah Silveira de Queiróz; e anos depois, pela Editora Nova Fronteira, *‘Emma’* em 1996.

Quadro 1 – Datas das traduções publicadas de Jane Austen em diferentes países

Quadro 1 – Datas das publicações das traduções de Jane Austen

Título Original	Inglaterra	França	Portugal	Brasil
Sense and Sensibility	1811	1815	1943	1944
Pride And Prejudice	1813	1821	1943	1940
Mansfield Park	1814	1816	1943	1942
Emma	1816	1816	1944	1996
Northanger Abbey	1817	1824	1943	1944
Persuasion	1817	1821	1847/1944 ⁸	1971

Fonte: Confecção própria

Fonte: Sales, 2017, p. 17.

O reconhecimento de Austen e admiração por parte dos leitores é enorme, visto as diversas edições dos livros da autora, bem como as adaptações de suas obras para o cinema, televisão e internet. Diante desse fenômeno mundial e por abordar questões como a sociedade da época, relacionamentos amorosos e, principalmente, personagens femininas e revolucionárias, suas obras se tornaram um marco na literatura, chegando a ser comparada com Shakespeare (CCAA, [s.d]); bem como a utilização de recursos como a ironia e comicidade em sua escrita.

As traduções brasileiras de Jane Austen seguem um fenômeno de publicações em escalas cada vez maiores que começou a partir de 1995 com o sucesso da exibição de *‘Orgulho e Preconceito’* pela BBC, na

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H. Inglaterra. Desde então, surgiu um fenômeno como Austermania, transformando a escritora e suas obras em marca global, segundo afirma Tood (2013) (TOOD apud SALES, 2017, p. 11).

Perante as diversas personalidades, vivências e classes sociais das personagens dentro de seus romances, é possível observar uma certa dualidade entre elas. Portanto, para maior conhecimento e entendimento do leitor acerca dessa pesquisa, é necessário introduzi-lo para dentro dos diversos cenários e histórias a serem analisadas.

3.1 *Razão e sensibilidade*

O romance de Austen, *Razão e Sensibilidade* (2018), além de ser o primeiro livro a ser publicado em 1811, também foi escrito por seu pseudônimo “A Lady”. O livro conta a história das irmãs Dashwood que possuem personalidades totalmente opostas entre si; sendo Elinor com individualidades voltados para o lado racional e lógico, enquanto sua outra irmã, Marianne, tende a ser mais emotiva e passional em relação a outra irmã. Tal relação de amizade e companheirismo entre as protagonistas, curiosamente, refletem na própria relação de afeição entre Austen e Cassandra, sua irmã; logo, a construção desse vínculo afetivo é um reflexo pessoal da vida da autora (PAIXÃO, 2020).

A família Dashwood havia muito se estabelecera em Sussex. Suas terras eram vastas e sua residência ficava em Norland Park, no centro das propriedades, onde, durante gerações, viveram de maneira tão respeitável, que conquistaram a boa opinião dos vizinhos (AUSTEN, 2018, p. 9).

Assim, nos é introduzida a história: Marianne, Elinor e Margaret, filhas do Sr. e Sra. Dashwood, viviam em Norland. Após a morte de seu pai, as terras foram herdadas ao Sr. John Dashwood, filho de seu primeiro matrimônio, no entanto, poucos minutos antes de morrer, o Sr. Dashwood pede ao filho que não deixe que sua esposa e filhas fiquem desamparadas quanto a herança deixada, mas Sr. John não a cumpre devido a persuasão de sua esposa Fanny, no qual diz que as senhoras conseguiriam viver confortavelmente apenas com uma quantia de três mil libras, pois ambas as filhas iriam se casar, enquanto os dois, tinham maior necessidade por conta de seu filho. Logo, as Sras. Dashwood são obrigadas a se mudarem.

Ao se mudarem para Devonshire, em uma casa mais simples e distante, Elinor deixa seu amor Edward Ferrars, irmão de sua cunhada, para trás. Apesar da família Ferrars não apoiar tal possível casamento, uma vez que Elinor não pertence a alta classe social, ela ainda tem, secretamente, esperanças de que irão ficar juntos, guardando esse sentimento apenas para si. Mesmo não tendo cumprido a promessa como prometera ao pai, Sr. John procura fazer o melhor que pode para agradá-las e as convida para um jantar. É nesse momento que nos é introduzido a história Coronel Brandon, velho amigo da família, que se interessa pela jovem Marianne; e Sra. Jennings, que suspeitava desde a primeira noite que eles estiveram juntos, percebe como ele ficou encantado por ela:

A sra. Jennings era uma viúva que recebera uma rica herança. Tinha só duas filhas, e viveu o bastante para ver ambas respeitavelmente casadas. Assim, não tinha agora mais nada para fazer, a não ser conseguir casamento para todo o resto do mundo. [...] Estava plenamente convencida.



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

Seria um casal perfeito, pois ele era rico e ela era bonita (AUSTEN, 2018, p. 44).

Mediante o objetivo da personagem, promover o casamento entre os dois, Marianne compreendendo o propósito da senhora, repudia a ideia e acha graça em considerar que ela se casasse com um homem de trinta e cinco anos. Portanto, o menospreza e julga Coronel Brandon de ser incapaz de se apaixonar e de inspirar amor em alguém.

- [...] O coronel Brandon é, sem dúvida, mais jovem que a sra. Jennings, mas tem idade para ser meu pai; e, se alguma vez já foi animado o bastante para se apaixonar, deve ter sobrevivido a toda sensação desse tipo. É ridículo demais! Quando é que um homem se vê livre de gracejos como esse, nem a idade nem a doença o protegem?

- Doença! – disse Elinor. - Considera o coronel Brandon um homem doente? [...]

- Não o ouviu queixando-se de reumatismo? E essa não é a doença mais comum da velhice?

- [...] Sei muito bem que o coronel Brandon ainda não é velho o bastante para tornar seus amigos apreen-sivos de perdê-lo no curso natural das coisas. Pode viver ainda mais vinte anos. Entretanto, trinta e cinco anos já não têm a ver com casamentos!

- Talvez – disse Elinor – seja melhor dizer que trinta e cinco anos e dezessete não têm nada a ver com um casamento de um com o outro. Mas se por acaso houvesse uma mulher de vinte e sete anos, solteira, não acho que os trinta e cinco anos do coronel Brandon constituiriam obstáculo para que casasse com ela.

- Uma mulher de vinte e sete anos – disse Marianne, após uma pausa – não pode mais esperar sentir ou inspirar amor [...] (AUSTEN, 2018, p. 45).

Um belo dia ao sair para caminhar com sua irmã mais nova, Margaret, as meninas se deparam com forte vento vindo contra ao pé da colina, mas decidem prosseguir. Ao perceber que tal fenômeno estava ficando cada vez pior, elas se apressam para evitar quaisquer problemas, no entanto, ao correrem Marianne cai e machuca seu pé, diante daquilo Margaret apressa-se para chegar à colina e buscar ajuda. A partir desse momento nos é apresentado Willoughby, homem de beleza masculina e graça extraordinária, que a salva carregando em seus braços, colina abaixo, além de conquistar as Sras. Dashwood com tal ato. Após o acontecimento e por se encontrarem várias vezes em convenções sociais, uma certa admiração começa a ser despertada em Marianne por conta do bom gosto, romantismo e conhecimento de poesia e arte de Willoughby.

Assim, começa o despertar do amor entre os dois, com encontros diários e longas conversas, Marianne recusa-se a esconder tais sentimentos, o que faz sua família pensar que estão juntos em segredo. Tal pensamento se torna mais intenso para Elinor, ao descobrir que em um passeio os dois fogem, e sua irmã vai conhecer as propriedades do rapaz, escondida. No entanto, tal romance é interrompido com a visita de Willoughby que a informa que sua presença é requisitada a Londres para negócios, e que nunca mais retornaria a Devonshire, causando assim uma tristeza na jovem.

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H.

Marianne jamais se perdoaria caso fosse capaz de dormir na primeira noite após se separar de Willoughby. Teria vergonha de olhar no rosto da família na manhã seguinte, se não tivesse levantado da cama precisando de mais repouso do que quando se deitara. Mas os sentimentos que transformavam a calma em desgraça não a deixavam correr nenhum perigo de passar tal vergonha. [...] Sua sensibilidade era muito forte! (AUSTEN, 2018, p. 92).

Diante das aflições de sua irmã, Elinor recebe a visita de seu amado Edward Ferrars, que estranhamente age com ela, o que a faz pensar que não exista mais amor por parte dele. Nesse mesmo tempo, temos a chegada de Anne e Lucy Steele, duas mulheres vulgares e incultas. Ao conhecerem as Sras. Dashwood, Lucy tenta se aproximar de Elinor e com certa intimidade, conta em segredo que está compromissada com Edward há tempo:

- Posso saber se o seu compromisso é de longa data?
- Estamos noivos há quatro anos.
- Quatro anos!
- Sim.

Elinor, embora muito abalada, ainda não se sentiu capaz de acreditar naquilo (AUSTEN, 2018, p. 140).

Sem poder ser sincera com seus sentimentos e amor por Edward, Elinor passa a escutar cada vez mais os anseios e desabafos de Lucy, o que para ela começou se tornou algo difícil de fazer. No inverno, as irmãs Dashwood vão para Londres, e na esperança de Marianne ter notícias de seu amado, escreve a ele várias cartas e, posteriormente, ele a responde com uma mecha de cabelo e a informa de que está compromissado com Miss Grey, uma mulher bem afortunada. Tal notícia faz Marianne se entristecer cada vez e, tempos depois, adoecer. É nesse momento que Elinor se torna companheira e irá cuidar da irmã, além de se tornar sua confidente; visto que, anteriormente, ambas estavam guardando suas aflições para si mesmas.

Nesse mesmo tempo, Edward é deserdado pela sua mãe por não romper com o compromisso de casar-se com Lucy Steele, uma vez que acreditara que seria desonroso da parte dele romper com tal compromisso. Diante disso, Coronel Brandon toma a iniciativa de dar um cargo a Edward, já que ele não tem mais meios de sustentar a esposa após ser deserdado; e sabendo das intenções de Edward e da ruína perante o casamento, o Coronel consulta Elinor para saber se tal ato deveria ser feito ou não, em favor a ele.

Nesse meio-tempo, Marianne fica cada vez mais doente e, ao saber da seriedade da doença, Willoughby decide procurar Elinor e contar toda a verdade a ela: todos os sentimentos da parte dele em relação a Marianne foram verdadeiros, no entanto, desde que foi deserdado devido ao seu relacionamento com outra mulher, foi obrigado a casar-se com a rica Miss Grey.

[...] Sim, aos poucos me apaixonei sinceramente por ela, e as horas mais felizes de minha vida foram as que passei com ela, quando senti que as minhas intenções eram estritamente honrosas e meus sentimentos, irrepreensíveis. Mesmo então, porém, quanto totalmente decidido a declarar-lhe meu amor, permiti-me muito incorretamente adiar, dia após dia, o momento de fazê-lo, por não estar disposto a iniciar um noivado enquanto a minha situação financeira fosse tão ruim. [...] (AUSTEN, 2018, p. 333).



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

Após Marianne saber toda a verdade, ela percebe que seu casamento com Willoughby nunca daria certo e que toda aquela doença que sentira foi fruto da sua excessiva sensibilidade, portanto, seguirá o modelo de racionalidade e bom senso de Elinor. Em contrapartida, a família Ferrars acreditava que Lucy Steele já estava casada com Edward; entretanto, ele revela que seu irmão, Robert Ferrars, é quem se casará com Lucy; dessa forma, Edward estava livre e não tinha mais compromissos com ela.

Ao se reconciliar com sua mãe, que o ajuda financeiramente, Edward se casa com Elinor; e, Marianne após amadurecer, decide se casar com Coronel Brandon, ela aos 19 anos e ele com 37 anos. Assim, as duas irmãs vivem próximas uma da outra para que se visitem regularmente.

3.2 *Orgulho e preconceito*

Também escrito sob o pseudônimo “A Lady”, o romance *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen foi intitulado originalmente como *First impressions* (em português *Primeiras impressões*), mas acabou sendo alterado para *Pride and Prejudice* pela autora após a leitura da frase no livro *Cecilia* (1782) de Frances Burney (GREENE, 1986). Escrito entre 1796 e 1797, o romance que a autora chamava de “meu filho querido”, depois de revisado, foi publicado em janeiro de 1813 pelo mesmo Sr. Egerton da Biblioteca Militar Whitehall, que apresentou *Razão e Sensibilidade*. *Orgulho e Preconceito* pertence ao gênero comédia-romântica e é o mais famoso romance de Jane Austen; sua introdução é uma das mais conhecidas linhas da literatura Inglesa: “É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuidor de uma grande fortuna, deve estar em busca de uma esposa” (AUSTEN, 2018, p. 11).

A obra retrata a vida pacata em uma sociedade rural daqueles dias; e, tem como protagonista Elizabeth Bennet, uma bela mulher de 20 anos, possuidora de uma mente ágil e ainda mais ágil língua. Filha de Sr. Bennet, um excêntrico que passa a maior parte de seu tempo se escondendo em seus estudos e o resto de seu tempo fazendo comentários sarcásticos, e da queixosa Sra. Bennet, que está desesperadamente determinada a assegurar bons partidos para as suas cinco filhas, enquanto tenta manter seus nervos em controle. O humor e o lado cômico, no romance, ficam por conta do pai de Elizabeth, que pontua suas falas com ironia, e despreocupação, em comparação ao desespero da própria esposa.

Elizabeth é a segunda de cinco irmãs. A amada irmã mais velha Jane, é mais gentil, mas igualmente atraente. Mary é apaixonada por livros, enquanto as outras, Kitty e Lydia, são descuidadas e paqueradoras adolescentes, atraídas por homens de uniforme. A cumplicidade das irmãs Jane e Elizabeth é umnexo importante no romance. As duas são as irmãs que pensam, enquanto as outras duas irmãs são influenciadas pela irresponsabilidade da mais nova, Lydia. O estado modesto da família Bennet em Hertfordshire se deve à falta de filhos homens, o que significa que um primo, Sr Collins, irá herdar todo o patrimônio com a morte do Sr. Bennet, deixando a Sra. Bennet e cada uma das suas não casadas filhas, sem casa e deixadas a viver com uma pequena e insuficiente renda.

O romance narra a história de amor entre Elizabeth e Fitzwilliam Darcy, relacionamento este que apresenta complicações até chegar a seu final. O título

'*Orgulho e Preconceito*' se refere, entre outras coisas, à maneira em que Elizabeth e Darcy se viram pela primeira vez. A obra inicia-se com a chegada de Mr. Bingley com sua família (irmãs e cunhado) e Mr. Darcy ao condado de Hertfordshire para uma temporada na propriedade de Netherfield. Charles Bingley é um dos melhores amigos de Mr. Darcy e tem um caráter leve em comparação com os gestos duros de seu amigo.

Mr. Bingley era bem apessoado e cavalheiresco: ele tinha um agradável semblante e modos simples e naturais [...] mas seu amigo, Mr. Darcy, logo atraiu a atenção da sala com sua admirável figura esguia, seus belos traços, seu ar esnobe e o boato, que estava em circulação cinco minutos após sua entrada, de possuir uma renda anual de dez mil. Os cavalheiros o elegeram como uma excelente imagem masculina, as damas declaram que ele era muito mais bonito do que Mr. Bingley e foi encarado com grande admiração por quase metade da noite, até que seus modos causaram um desgosto que reverteu sua maré de popularidade; pois se descobriu que ele era orgulhoso; que ele estava acima dos demais, acima de ser satisfeito; e nem toda a sua propriedade em Derbyshire poderia evitar que ele tivesse uma feição mais proibitiva e desagradável, e ser digno de comparação com seu amigo (AUSTEN, 2018, p. 19).

No baile promovido em honra aos novos visitantes da localidade, acontece o primeiro encontro entre Elizabeth e Darcy e ambos demonstram desgosto recíproco. Mr. Bingley, porém, se encanta por Jane. Caroline Bingley, a irmã do rapaz, mostra-se contra a relação devido à classe social da moça, mas Mr. Bingley se aproxima de Jane indo contra a opinião da irmã. Com o desenrolar da história, a família de Elizabeth recebe a visita do primo, Mr. Collins, que inicialmente deseja propor casamento a Jane. Esta ideia é logo descartada por ele, pois Mrs. Bennet o convence que Elizabeth seria uma melhor opção, uma vez que Jane estava prestes a firmar um compromisso com Mr. Bingley. Elizabeth declina da proposta de Mr. Collins uma vez que não acredita no casamento por conveniência, mas sua amiga Charlotte aceita o pedido do rapaz e eles mudam para Kent.

Em meio a todos os acontecimentos, Elizabeth conhece um rapaz chamado Wickham, que já era relacionado à Darcy anteriormente; ele conta mentiras a Elizabeth a respeito de Darcy, o que faz a moça acreditar que Darcy é um homem esnobe e orgulhoso. Entre vários encontros, Mr. Bingley e Jane veem-se cada vez mais apaixonados enquanto Mr. Darcy e Elizabeth, no entanto, se desgostam e criam opiniões e visões erradas sobre o outro. Passado algum tempo, Darcy acaba dissuadindo Bingley de se casar com Jane, fazendo o jovem subitamente desaparecer da cidade, deixando Jane sem qualquer explicação. Tão grande ação fez com que Elizabeth ficasse furiosa com Darcy por muito tempo, sendo, ainda, alimentada pelas falsidades de Wickham em relação ao mesmo.

Um tempo depois, em uma visita a Collins e Charlotte em Kent, Elizabeth conhece a propriedade de Rosings Park e sua dona, Lady Catherine de Bourgh. Durante esta estadia, Elizabeth reencontra Darcy, que é sobrinho de Lady Catherine; ele passa a interessar-se pela forte personalidade de Elizabeth a ponto de propor à moça casamento. Elizabeth, contudo, permanece firme nos seus ideais e recusa o pedido ao enxergar nele um homem prepotente. Resolvido a conquistar o amor de Elizabeth, Darcy escreve uma carta justificando todos os seus comportamentos e passa a tentar reparar seus erros. Algum tempo depois, Elizabeth viaja com seus tios, os Gardiners, para Derbyshire e acaba por visitar Pemberley, a



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

residência de Mr. Darcy, e, por consequência, encontra-se novamente com o rapaz. Durante esta visita, a moça enxergando qualidades antes não vistas em Darcy. Aos poucos, a jovem acaba por perceber que o rapaz tem boa índole e admite os seus sentimentos para si mesma.

A viagem é interrompida, quando a irmã mais jovem de Elizabeth, Lydia, foge com Wickham. Desesperada, Elizabeth retorna a Hertfordshire a tempo de descobrir por meio da própria Lydia que Darcy ajudou-a em seu casamento. Jane e Bingley ficam noivos, finalmente, graças também à intervenção de Darcy. Elizabeth desconfiada que Mr. Darcy está por trás de todos estes fatos, aproveita um passeio em família para agradecer o rapaz que confessa que fez tudo porque a ama.

[...] Deixe-me agradecer de novo e de novo, em nome de toda minha família, por esta generosa compaixão que o conduziu a ter tanto trabalho e suportar tantos castigos, com o propósito de descobri-los”.

“Se me agradecer”, ele respondeu, “que seja por você apenas. Que o desejo de lhe proporcionar felicidade adicionou força aos outros incentivos que me conduziram, não tentarei negar. Mas sua família não me deve nada. Embora eu os respeite muito, eu acredito que pensei apenas em você” (AUSTEN, 2018, p. 419).

Convencida de seu amor e também apaixonada por ele, Elizabeth aceita a proposta de casamento do rapaz e passa a viver em Pemberley.

3.3 *Emma*

Emma (1815), romance de Jane Austen, foi publicado pela primeira vez em 1815 e se tornou um de vários livros renomados da autora. A obra conta a história de Emma Woodhouse, uma protagonista rica, ingênua e, até certo ponto, arrogante, que acredita fielmente na sua capacidade de formar “casais perfeitos”. Também acompanhamos a história de Harriet Smith e sua relação com a protagonista, assim como o Mr. Knightley e Frank Churchill, seus dois interesses amorosos e, por fim, Jane Fairfax, que serve como uma figura rival à ela.

Na introdução do livro, somos apresentados à Emma Woodhouse e as pessoas a sua volta; além de seus familiares, seu pai e irmã, temos também o Mr. George Knightley, um amigo da família que mora em uma residência próxima à dos Woodhouse. Sendo responsável pelo recente casamento entre sua antiga governanta, Miss Taylor, e Mr. Weston, Emma convence a si mesma que possui um talento para formar casais ideais.

Com isso, somos apresentados à Harriet Smith, amiga de Emma que se torna um alvo para que a protagonista forme mais “pares perfeitos”. Motivada pelos conselhos de sua amiga, Harriet deixa de lado George, um pretendente que ela própria era afeiçoada. Emma acredita que Harriet deveria buscar um casamento com o vigário Mr. Elton, julgando que seria de maior vantagem para ela, opinião essa que é repudiada por Mr. Knightley. Porém, Mr. Elton interpreta erroneamente a situação e passa a acreditar que é a própria Emma que o está cortejando. No fim dessa situação, Harriet acaba sendo desrespeitada pelo vigário e Emma se convence a não tentar unir casais novamente.

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H.

Logo somos introduzidos a Frank Churchill, que está visitando a cidade e eventualmente parece cortejar Emma, que se sente atraída por ele. Também somos apresentados a Jane Fairfax, uma jovem mulher que em breve terá um cargo de governanta e que é vista com inimizade por Emma, atitude essa que Mr. Knightley também vai contra. Depois de certos eventos, Harriet acaba revelando a Emma que está apaixonada por alguém em uma posição social mais elevada, levando a mulher a crer que tal pessoa se trata de Frank.

Após Mr. Knightley contar a Emma sobre suas suspeitas de que Frank e Jane estão em um relacionamento amoroso, Emma considera a ideia impossível e, durante um piquenique, não apenas flerta com Frank, mas também critica a sobrinha de Jane. Nessa situação, Mr. Knightley aponta o mau comportamento de Emma e a faz pensar sobre suas ações. Com a recente morte da tia de Frank, o relacionamento dele com Jane vem à tona para a surpresa da protagonista. Preocupada em como Harriet iria reagir ao saber disso, Emma descobre que o “homem em uma posição social mais elevada” se trata na verdade de Mr. Knightley, o que por consequência leva ela a descobrir que ela própria está apaixonada por ele.

Na conclusão da história, Mr. Knightley e Emma acabam assumindo o amor que sentem um pelo outro e se tornam um casal. Harriet, por outro lado, retorna ao seu pretendente inicial, Robert, e acaba se casando com ele, desta vez sem ser desmotivada por sua amiga.

3.4 Temática das obras

Como é possível ver a partir dos resumos acima, cada um dos livros de Jane Austen tem como foco uma temática diferente; mesmo aqueles que possuem temas em comum são trabalhados por diferentes abordagens em cada obra. A temática de cada livro é refletida por seus personagens e suas trajetórias através da história, logo, são essenciais às obras como um todo.

Tratando-se de Jane Austen, era comum encontrar a temática do papel da mulher dentro da sociedade da época articulando com outros tópicos que, apesar de diferentes, eram de alguma forma relacionados, como por exemplo a visão que se tinha do casamento como um legítimo laço amoroso e sentimental ou como um mero instrumento à ser aproveitado. Esse último tema em especial parece ser quase uma constante através dos vários livros da autora, mesmo que em cada um deles seja tratado de forma diferente e por personagens com papéis notavelmente distintos. Outra constante é também a jornada de crescimento das protagonistas, que sempre iniciam suas histórias com algum “defeito” que será superado através da narrativa.

É importante destacar como Austen revolucionou a literatura da época ao abordar, principalmente através de protagonistas femininas, os temas acima citados. A autora nunca buscava ocultar a realidade mesmo de seus temas mais polêmicos, como a já citada visão do casamento como meio de se adquirir vantagem social. Também é notável como as próprias protagonistas de cada livro abordavam, através de seus próprios problemas, questões polêmicas da sociedade da época, como a futilidade ou orgulho de pessoas de alto nível social.

Sendo assim, é importante refletir, individualmente, acerca de quais temas são abordados em cada um dos livros e entender como eles são importantes para a época em que foram escritos.



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

3.4.1 *Razão e Sensibilidade*

Assim, como em outros romances de Austen, *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Emma* (1815), *Razão e Sensibilidade* (1811) também aborda temáticas recorrentes como: o papel da mulher dentro da sociedade, a importância do casamento para a figura feminina, as relações amorosas e entre outros. No entanto, apesar dessa obra carregar um nome significativo e que, metaforicamente, está interligado às irmãs Dashwood, sendo Elinor a representação da razão enquanto Marianne representa a sensibilidade, há outros assuntos pertinentes que fogem do teor romântico e que são decorrentes dos acontecimentos: a instituição familiar.

Portanto, partindo do fundamento que a autora se utilizava do ambiente em que vivia como contexto para todas as suas obras, algumas sociedades tradicionais foram baseadas no princípio da primogenitura, bem como é visto na história. O motivo pelo qual leva as mulheres Dashwood a se mudar para outro lugar com uma pequena quantia, advém da atitude tomada do primeiro filho Sr. John Dashwood, após a morte de seu pai, com a persuasão de sua esposa Fanny Dashwood. Logo, o destino das irmãs é fadado por conta desse preceito.

- Foi o último pedido que papai me fez – respondeu-lhe o marido -, que eu assistisse a viúva e as filhas dela.
- Tenho certeza de que ele não sabia o que estava falando; aposto dez contra um que ele estava mal da cabeça naquela hora. Se estivesse no seu juízo perfeito, não teria pensado em lhe pedir que se desfizesse de metade da fortuna do seu próprio filho.
- Ele não estipulou nenhuma soma em particular, minha cara Fanny; só me pediu, em termos gerais, que as ajudasse e tornasse a situação delas mais satisfatória do que estava ao seu alcance fazê-lo. [...]
- Então, que se faça algo por elas; mas esse algo não precisa ser três mil libras. Veja - acrescentou ela – que quando o dinheiro vai embora nunca mais volta. Suas irmãs vão casar e adeus para sempre. Ah, se ele pudesse ser devolvido ao nosso pobrinho filho... (AUSTEN, 2018, p. 15).

Em conformidade com Kroeber (1990), os romances de Austen não são apenas ficções históricas, mas sim uma história do presente, no qual, o presente é visto como um processo contínuo de desenvolvimentos e transformações sociais. *“History, after all, is change, change in society, change in people. Jane Austen is interested in the present because she perceives it to be a process of transformation.”* (KROEBER, 1990, p. 10). Mediante essas mudanças, é notável como essas transformações modificam a sociedade e o indivíduo, portanto, a preocupação da escritora gira em torno dos resultados advindos dessas remodelações sociais conseguintes; do que dizer como as coisas deveriam mudar – ou deveriam ser mudadas.

A partir dessa afirmação, o autor ainda, de forma metafórica, faz uma analogia ao método de Jane Austen com o microscópio eletrônico; o que reforça a ideia de que a autora por meio de situações comuns da época, se utiliza da escrita para mostrar ao leitor a realidade de uma sociedade inglesa do século XIX, além de ‘dar voz’ às parcelas de indivíduos que, naquele momento, não eram ativos dentro da sociedade.

The electron microscope has enabled biologists for the first time to understand the normal working of healthy organisms and causes for their malfunctionings – the gross symptoms of which everybody can see, but whose real causes until recently were utterly mysterious. The electron microscope is the best metaphor for Jane Austen’s method – because her method is intense focus on events very minute and seemingly unimportant so as to bring to light the elemental workings of society. [...] The electron microscope is the best metaphor for Jane Austen’s method – because her method is intense focus on events very minute and seemingly unimportant so as to bring to light the elemental workings of Society (KROBER, 1990, p. 10-18).

Austen é tendenciosa para os oprimidos, os perdedores, as pessoas que a história formal e oficial ignora: as mulheres (KROEBER, 1990). O romance *Razão e Sensibilidade* (1811) mostra como as mulheres não são beneficiadas e, principalmente, ignoradas, mediante suas propriedades, finanças e independência na ausência de uma figura masculina; e que, conseqüentemente, reforça o conservadorismo das famílias tradicionais da época. “É propriamente essa ideia de fragilidade na condição da mulher sujeita à perda de sua casa e sua estabilidade que Austen delimita como seu objetivo literário tanto no romance em questão quanto em *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Persuasão* (1817)” (RAMOS, 2019, p. 30).

O conceito de “família” não está somente atrelado ao acontecimento principal das irmãs Dashwood. A instituição familiar aparece, novamente, fortemente atrelado ao fato de Edward Ferras ser deserdado por sua mãe, já que o mesmo não cumpriu com o que foi imposto a ele: acabar com o compromisso feito a Lucy Steele. Esse fato, curiosamente, gera uma certa surpresa em outros personagens como o Coronel Brandon que decide ajudá-lo e, contraditoriamente, não é observado tal espanto em relação à família Dashwood após perderem sua propriedade, estabilidade e independência por conta da ausência de uma figura masculina.

Através desse pequeno acontecimento, Austen mostra, mais uma vez, como as mulheres eram ignoradas e assujeitadas dentro da sociedade; o que reafirma o método de Austen assim mencionado por Krober (1990), isto é, mostrar por meio de meros acontecimentos a realidade da sociedade, bem como o fato de sua escrita ser voltada para aqueles que eram oprimidos e apagados da história.

Contrastando o descaso e naturalidade com que se aceita e se espera o descarte da família feminina Dashwood de sua renda e moradia em Norland, com a preocupação por Edward despertada em Brandon e Mr. Jennings, a autora revela a política moral da época baseada em dois pesos e duas medidas: onde o descaso pela situação desamparada da mulher é comparada à superproteção e ao respaldo de que dispõe os homens (RAMOS, 2019, p. 32).

Outra temática bastante pertinente em *Razão e Sensibilidade* (1811) é a questão financeira que está, novamente, unindo à “família”. O dinheiro, na maioria dos casos, tem fortes ligações com o casamento, uma vez que o matrimônio é visto como uma troca comercial entre famílias, no qual o objetivo do homem é aumentar suas propriedades, enquanto a mulher busca ascensão social; como pode ser entendida a relação entre Sr. Collins e Charlotte, em *Orgulho e Preconceito*. No entanto, de forma surpreendente, Austen, de maneira contrária - mas mantendo essa relação de interesse entre ambas as partes - nos apresenta Miss Grey, uma



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

personagem feminina da alta classe social (£50,000 – equivalente a 1.7 milhões em 2017)² que possui fortes influências sobre Willoughby, homem que por conta de suas atitudes e necessidades financeiras, se vê obrigado a casar-se com ela, mesmo não havendo amor, para manter-se na sociedade.

- Mas a carta, sr. Willoughby, sua própria carta... Tem alguma coisa a dizer sobre aquilo?

- Sim, sim, principalmente sobre aquilo. Sua irmã escreveu-me de novo, como sabe, já na manhã seguinte. Viu o que ela disse... Eu estava tomando o café da manhã na casa dos Ellison, e levaram da minha casa para lá aquela carta, junto com algumas outras. Ela chamou a atenção de Sophia antes da minha... e o tamanho, a elegância do papel e da letra provocaram de imediato a sua desconfiança. Já chegara a seus ouvidos alguma vaga história sobre meu amor por uma moça em Devonshire, e o que se passara à sua vista na noite anterior fez que soubesse quem era a moça, e a tornou mais ciumenta do que nunca. Assim, afetando um ar travesso, delicioso na mulher que amamos, abriu ela mesma a carta e leu. Foi bem recompensada pelo descaramento. Leu o que a faria infeliz. Eu poderia suportar a infelicidade dela, porém a paixão... a malícia... tinha que ser apaziguada de qualquer maneira. Em resumo, o que acha do estilo das cartas da minha mulher? Delicado, carinhoso, realmente feminino, não é mesmo?

- Sua mulher! A carta foi escrita com a sua letra!

- Sim, no entanto, só tive crédito de copiar servilmente sentenças às quais tive vergonha de associar o meu nome. O original era inteiramente dela, os seus belos pensamentos e a sua feliz dicção. Mas que podia fazer? Éramos noivos, todos os preparativos estavam em andamento, o dia já estava quase marcado... [...] Falando honestamente, eu precisava do dinheiro dela e, numa situação como a minha, tinha de fazer tudo para evitar uma ruptura. [...] E o cacho de cabelos... ele também eu sempre trazia comigo na mesma carteira, que agora era vasculhada por minha esposa com a mais meiga virulência... o querido cacho... todas, todas as recordações foram arrancadas de mim (AUSTEN, 2018, p. 340-341).

Conforme Craig (apud TAVARES, 2018), Austen, durante sua vida, vivenciou uma série de crises econômicas que, muitas vezes, está presente em seus romances; e por sua literatura descrever a sociedade em questão tanto nos aspectos histórico sociais, culturais e econômicos, a autora serve de base para vários historiadores e economistas por ser considerada um “indicador mais fiel e com uma melhor caracterização da realidade social do que os dados econômicos” (TAVARES, 2018, p. 11-12). Jane Austen vivenciou “um gigantesco débito nacional, quatro recessões, duas crises bancárias, a depreciação da moeda, uma grande queda econômica, e uma depressão, que, combinados, fizeram com que os preços dobrassem de valor, i.e., inflação extrema” (TAVARES, 2018, p. 14).

O autor ainda aponta que o Reino Unido devido ao contexto histórico das guerras napoleônicas, no século XIX, obteve um alto índice de dívida pública:

A altíssima elevação do endividamento britânico de 1770 a 1810 foi financiada por correspondente elevação da poupança privada, enriquecendo os detentores de títulos da dívida pública e os elevando ao mesmo status dos grandes proprietários de terra. Ambos apareciam como protagonistas nos romances de Jane Austen e favoreceram a acumulação exorbitante a

² The National Archives “Take a Break: Currency Converter”.

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H. que chegou a riqueza privada, cuja perpetuação ocorria pela transmissão de herança e pela pouca ou inexistente tributação sobre a renda e os rendimentos do capital (TAVARES, 2018, p. 13).

Bem como pode observar através das terras da família Dashwood, que “eram vastas e sua residência ficava em Norland Park, no centro das propriedades, onde, durante muitas gerações, viveram de maneira tão respeitável, que conquistaram a boa opinião geral dos vizinhos ” (AUSTEN, 2018, p. 9), e que acabou sendo deixada como herança para os filhos.

Segundo Craig (apud TAVARES, 2018), entre os anos de 1750 e 1794, houve um grande aumento de custo de bens e não era proporcional a fonte de renda dos indivíduos, uma vez que os valores dos salários não foram alterados; posteriormente, a seca e o frio prejudicaram a colheita da população, gerando fome e pobreza. Essa foi a primeira crise vivida por Jane Austen. Perante à grande taxa de necessitados, a falta de apoio político estagnou qualquer ajuda financeira do governo. E por meio de sua descrição, Austen, mais uma vez, abordou esse momento vivido por meio dos personagens John e Fanny Dashwood, em *Razão e Sensibilidade*:

O desinteresse auto justificado de John Dashwood em ajudar sua família, com argumentos extremamente fracos e egoístas, assemelha-se com a inércia do Parlamento (CRAIG, 2011). A compreensão do contexto de crise financeira torna sua recusa em ajudar as irmãs ainda mais cruel. Além disso, os diálogos e ações de John e Fanny Dashwood, sua esposa, também refletem a posição dos Whigs radicais que rejeitavam a criação de novos tributos (TAVARES, 2018, p. 15).

Em suma, *Razão e Sensibilidade (1811)*, tem como foco temático a família e o dinheiro. Visto que ambos se sobressaem em relação a outros aspectos e servem como pano de fundo para o desenvolvimento dos acontecimentos de forma interligada. Mediante às vivências de Austen, pode-se observar como essas marcas na vida da autora estão presentes em sua literatura, mas, principalmente, na sua primeira publicação.

3.4.2 *Orgulho e Preconceito*

Os personagens de Austen lutam pelo amor, contra as regras sociais da época, dos casamentos de conveniência, arranjados e negociados em família. E, embora as histórias de Austen sejam todas sobre relações familiares, noivados e casamentos, a romancista passa longe de um tom meloso, o que poderia advir de tal temática, naturalmente. O pano de fundo do romance *Orgulho e Preconceito* é o da aristocracia rural inglesa, com burgueses e jovens nobres, dentro de uma sucessão de jantares, bailes e chás, que, portanto, podem denotar o caráter monótono da temática de Austen. Watt (2010) explica que a autora optou por abordar conflitos domésticos e a vida cotidiana. Assim, podemos verificar na obra que o casamento é o tema central da narrativa, algo comum para a sociedade da época. O que Austen escreve, era retrato de uma época e lugares específicos, com o vazio da vida provinciana. A própria vida de Austen não teve grandes eventos, mas isso não a impediu de aprofundar o caráter de sua própria época, e este é o mérito de Austen para a posteridade. O romance apresenta quatro casamentos. Cada casal apresenta personalidades e interesses diversificados, o que faz com que cada história e cada personagem seja único,



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

mesmo que alguns apresentem semelhanças. Para a época, era exigido pela sociedade que as mulheres se casassem cedo, por isso, o casamento tinha uma grande importância entre as irmãs da família Bennet.

Somos apresentados à temática matrimonial pela primeira vez quando um primo da família Bennet, Mr. Collins, surge a procura de um bom casamento sem se importar com quem seria a noiva. Ele se casa com a melhor amiga de Elizabeth, Charlotte Lucas, proporcionando ao leitor o primeiro casamento que aconteceu com base no interesse mútuo que os dois compartilhavam; ela por ser considerada “velha” e ele por sua posição na igreja. Lydia, a irmã mais nova das irmãs Bennet, promove o segundo casamento ao fugir com Mr. Wickham, um homem de caráter duvidoso. Jane, a irmã mais velha, é a terceira a se casar com seu único interesse amoroso desde o início da história. Finalmente, Elizabeth se casa ao aceitar a proposta de Mr. Darcy no fim do romance.

Em uma época marcada pela visão distorcida da mulher, que era vista apenas como propriedade e objeto para troca, vê-se no romance matrimônios diversificados em que as personagens femininas têm o poder de decisão e escolha. Ainda que Charlotte Lucas tenha se casado com base no interesse, ela por si só fez a escolha de se casar com Mr. Collins, não sendo essa decisão imposta por ninguém.

3.4.3 *Emma*

No livro *Emma* (1815), Jane Austen trabalha com uma variedade de temas através de seus muitos personagens. A protagonista, Emma Woodhouse, serve para representar a arrogância e desconexão com a realidade que pessoas de alto status social podem possuir, mas sabendo que ela também passa por um arco de personagem que, ao final do livro, leva-a a superar tais características negativas, é possível afirmar que a obra possui maturidade e crescimento mental como alguns de seus temas centrais. A desigualdade social, proeminente em outras obras renomadas de Austen, também se encontra em *Emma* através da história de Harriet Smith, uma jovem mulher que é levada a crer que o laço matrimonial deve ser utilizado como ferramenta para vantagem social, ou seja, que ela deveria procurar por um marido que possuísse grandes riquezas; apesar de ser uma temática ofuscada pelo arco de personagem da protagonista, a desigualdade social é facilmente visível como um dos temas de destaque do livro.

4 Influências para a escrita de Austen: o papel da mulher, o casamento e os encontros

O papel da mulher em *Orgulho e Preconceito* (1813) é complexo, bem construído e se manifesta por diferentes pontos de vista a partir de diferentes personagens da trama. Mesmo se analisado superficialmente, o cuidado da autora para que esse papel seja fiel à época ao mesmo tempo em que carrega significado literário é notável; a constante tensão que leva as personagens a se sentirem pressionadas à conseguir um par matrimonial representa fielmente a visão da figura feminina da época, figura essa que era usada como ferramenta para alcançar

interesses familiares de ascensão social ou financeira. Ao se analisar a obra com mais cuidado, é possível entender como cada personagem feminina tem um propósito próprio e individual, mas que também contribui para o todo. A protagonista, Elizabeth Bennet, por exemplo, representa o repúdio pelo casamento como resultado de interesse por vantagem pessoal, assim como todos os problemas que surgem como consequência, como o preconceito por pessoas consideradas “socialmente inferiores” e como isso serve como um bloqueio para relacionamentos motivados pelo amor genuíno. Ao mesmo tempo em que Elizabeth, como personagem, carrega um significado próprio, ela também serve como um dos vários possíveis pontos de vista ao matrimônio, o que contribui para a proposta geral da obra.

Emma (1815), apesar de seu foco no crescimento pessoal da protagonista, que, como clarifica Barchas (2012), quando analisado dentro daquele contexto histórico, faz mais sentido como crítica, também conta com uma representação fiel do papel da mulher em diferentes classes sociais na época. Emma (a personagem) carrega consigo a ideia ingênua e, de certa forma, arrogante de que é perfeitamente capaz de criar pares matrimoniais “ideais”, visando a vantagem social daqueles que ela busca ajudar e os desmotivando a se casar meramente por afetividade. Harriet, uma das “vítimas” do hábito de Emma, não possui nenhuma vantagem social ou financeira que seja notável, sendo assim vista por indiferença pelo Mr. Elton, que não possui qualquer motivação a se casar com alguém como ela. Também temos os personagens Frank Churchill e Jane Fairfax, que precisam esconder seu relacionamento (que eles sabem que potencialmente pode resultar em um casamento) por uma duração majoritária da trama apenas pela desaprovação que receberiam, visto que havia uma enorme diferença social entre os dois. Com isso, é possível perceber como a autora busca, com sua obra, apontar o papel da mulher da época como ferramenta de busca pelo interesse próprio, sendo importante notar que mesmo a protagonista apresenta um tipo de pensamento prejudicial (antes de seu crescimento como pessoa) e que contribui para os problemas enfrentados pelas mulheres.

Em *Razão e Sensibilidade* (1811), o papel da mulher é refletido nas consequências de um evento essencial à história: a morte de Henry Dashwood. Com toda a sua herança sendo deixada para seu filho, John Dashwood, passamos a ver a influência disso na vida das três filhas de Henry, que são deixadas com uma parte minúscula do dinheiro e, sem uma residência, encontram-se obrigadas a se mudar. Nisso, temos como base da trama a enorme dependência das personagens femininas em uma figura masculina que se recusa a ajudá-las, o que deixa clara a posição da mulher dentro da sociedade da época.

Apesar das diferentes formas de se abordar o papel feminino através de suas obras, é possível entender, de maneira geral, a visão que Jane Austen buscava transmitir. Quase sempre vemos mulheres como personagens que, de alguma forma, estão em uma desvantagem social quando comparadas à personagens masculinas, sendo essa diferença mais perceptível em alguns casos que em outros. Outra forma constante de retratar a figura feminina é como um meio de vantagem própria, ou seja, como uma ferramenta a ser usada para se alcançar algum tipo de ascensão vantajosa dentro da sociedade. Mesmo que o papel da mulher não seja o tema principal de seus romances, podemos perceber como ele está ligado à essência de todos eles e sempre é retratado de maneira fiel à realidade da época.



4.1 O casamento como ferramenta do benefício próprio

Em meados do século XVIII, ocorreu um movimento intelectual e filosófico que dominou toda a Europa: o Iluminismo. Conhecido também como “século das luzes”, o Iluminismo foi pautado por ideias centradas na razão e, com caráter progressista, modificou as mais variadas áreas (política, economia, ciência, religião, filosofia) que até então, eram inalteráveis desde o Renascimento. “A partir daí, a humanidade se aproxima cada vez mais de uma noção histórica de progresso à medida que aponta para o futuro” (GUMBRECH apud GOMES, 2011, p. 24).

Este progresso, por sua vez, coloca em prática uma ação de análise e revisão ao passado, no qual é necessário reavaliar tanto os acontecimentos já ocorridos quanto a organização estrutural da sociedade. Conforme Gomes (2011), os pensadores do iluminismo escocês, dentre eles, David Hume e Adam Smith, tiveram uma grande influência perante essas mudanças. Um novo conceito, “história conjectural”, era debatido pelo grupo e, a partir das décadas de 1760 e 1770, tal estudo ampliou-se. Assuntos como casamento e vida social, passaram a serem tópicos de discussão para tais filósofos, no entanto, poucos fatores se mostraram tão desafiadores quanto o papel da mulher.

O casamento, para a figura feminina, era uma forma de ascensão social visto que havia poucas chances de autossuficiência econômica, pois para a época, a mulher não tinha acesso ao mundo do trabalho e não havia outro modo delas ocuparem um real lugar na sociedade. E quanto às mulheres de renda mínima, não havia muitas opções, se aventuravam em trabalhos como: costureira, criada ou prostitutas (LOBATO, 2018). Outro ponto a ser abordado, é o fato de toda a renda familiar, na ausência de uma figura paterna, ser destinada ao homem mais próximo da família. Isto pode ser observado em *Razão e Sensibilidade* (2018), após a morte do pai de Marianne e Elinor Dashwood, filhas do segundo casamento de Mr. Dashwood, toda a propriedade é passada para John, o meio-irmão mais velho.

O velho fidalgo morreu e foi lido o testamento, que, como quase todos, provocou tanta decepção quanto prazer. Não foi nem tão injusto nem tão ingrato a ponto de tirar a propriedade do sobrinho, contudo, deixou-a a ele em termos tais que destruiu metade do valor da herança. [...] Quando fez a promessa ao pai, ele pensara consigo mesmo em aumentar a riqueza das irmãs presenteando-as com mil libras cada uma (AUSTEN, 2018, p. 10-11).

Em diversas maneiras e meios, vemos a desigualdade entre a figura feminina e a masculina nos romances de Austen, e também, como os privilégios dos homens se sobressaem diante aos das mulheres: seja por meio de negócios econômicos que envolvem a família, como a herança das Sras. Dashwood em *Razão e Sensibilidade*; quanto aos julgamentos em que a personagem Elizabeth, de *Orgulho e Preconceito*, enfrenta ao decorrer da trama por ser uma mulher de opiniões e atitudes próprias. “Na época de Austen havia uma concepção generalizada de que homens e mulheres possuíam capacidades naturais bastantes diferenciadas e por esse motivo não havia igualdade entre os sexos, principalmente em relação à educação, negócios e postura perante a sociedade” (ZARDINI, 2011, p. 2).

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H.

No entanto, em seu livro *Emma* (1815), a romancista nos mostra uma personagem que já possui uma ascensão social, pois provém de uma classe favorável, o que de certa maneira desperta a atenção do leitor, visto que se difere das outras protagonistas em questão.

Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência; e vivera quase vinte e um anos no mundo com muito pouco a lhe causar angústia ou irritação. Era a mais jovem das duas filhas do mais afetuoso e indulgente dos pais e, devido ao casamento da irmã, tornara-se a senhora da casa desde muito jovem. Sua mãe morrera há tanto tempo que ela não tinha mais que uma vaga lembrança de seus carinhos, e seu lugar fora ocupado pela governanta, uma excelente mulher que lhe dedicara quase o mesmo afeto da mãe (AUSTEN, 2012, p. 11).

Logo, o casamento baseava-se, na maioria dos casos, em interesses familiares e de grupo, os mais abastados tinham interesse em aumentar suas propriedades enquanto os mais pobres visavam uma condição melhor. Isso pode ser exemplificado através dos personagens Sr. Collins e Charlotte, em *Orgulho e Preconceito* (2018), que se casam apenas por conveniências próprias; Sr. Collins havia feito uma proposta de casamento à personagem principal Elizabeth que logo recusou por não achar que estava sendo coerente com seus sentimentos, e em seguida, novamente, a Charlotte, amiga da protagonista que teve diferente atitude.

– Sei o que você está sentindo – respondeu Charlotte. – Deve estar surpresa, muito surpresa... pois há muito pouco tempo o sr. Collins queria casar com você. Mas, quando tiver tempo de refletir sobre o caso, espero que se alegre com o que fiz. Você sabe que eu não sou romântica; nunca fui. Quero apenas um lar decente; e, considerando o caráter, as relações e a situação financeira do sr. Collins, estou certa de que as minhas possibilidades de ser feliz com ele são tão razoáveis quanto as da maioria das pessoas que chegam à condição matrimonial. [...] Ela sempre notara que a opinião de Charlotte acerca do casamento não era exatamente a sua, mas nunca imaginara que fosse possível que, quando solicitada, ela sacrificasse todos os melhores sentimentos em favor de vantagens mundanas. Charlotte como esposa do sr. Collins era uma cena muito humilhante! (AUSTEN, 2018, p. 144-145).

Perante essa realidade, os casamentos teriam o propósito de durarem durante a vida toda, em algumas sociedades do século XVIII, como por exemplo a europeia, a decisão a ser tomada era conveniente aos pais, ou seja, os filhos não escolhiam seus pretendentes, mas sim os progenitores. Já na Inglaterra, essa decisão cabe, obrigatoriamente, à família. No entanto, há pressões tanto externas (sociais e financeiras) quanto internas (familiar) sobre os noivos. “Nos séculos XVIII e XIX era comum os primogênitos de proprietários de terra se casarem com a moça que fosse aprovada pela família, pois se não atendessem a preferência de seus pais poderiam ser deserdados ” (LOBATO, 2018, p. 4), um exemplo disso, é o fato de Edward Ferrars, em *Razão e Sensibilidade*, ser deserdado por não querer romper com o compromisso de casar-se, com Lucy Steele, para manter sua honra; no entanto, sua mãe desaprovava tal união.

– Seja como for que aconteceu – disse Elinor, após uma pausa – eles estão certamente casados. E a sua mãe recebeu uma punição mais que



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

merecida. A independência financeira concedida a Robert, por ressentimento contra você, deu a ele o poder de escolher por si mesmo. Ela, na verdade, subornou um dos filhos com mil libras por ano para que fizesse a mesma coisa pela qual deserudara o outro filho que a pretendia fazer. Acho que dificilmente ficará menos magoada com o casamento de Robert com Lucy do que teria ficado com o seu casamento com ela (AUSTEN, 2018, p. 383).

Visando tais benefícios, tanto para o noivo quanto para a noiva, e prosperidade no casamento, podemos exemplificar esses fatores através das atitudes de Emma, no romance de Austen. Uma vez que, a protagonista, após o casamento de sua amiga e antiga governanta Miss Taylor com o Mr. Weston, decide manipular a vida das pessoas com o objetivo de promover aproximações e, conseqüentemente, casamentos.

– Prometo não fazer nenhum para mim mesma, papai, mas devo fazer para os outros, de verdade. É a coisa mais divertida do mundo. E depois deste sucesso, então! Todos diziam que Mr. Weston nunca mais se casaria. [...] Todos os tipos de solenes bobagens foram ditas sobre o assunto, mas não acreditei em nenhuma delas. Tomei minha decisão sobre o assunto há quatro anos, desde o dia em que Miss Taylor e eu o encontramos em Broadway Lane e, como começasse a chover, ele galantemente correu a buscar duas sombrinhas para nós em Farmer Mitchell. Comecei a planejar o casamento deles naquele momento, e como fui abençoada com o sucesso, papai, o senhor não pode querer que eu deixe de arranjar casamentos (AUSTEN, 2012, p. 16).

No entanto, a própria protagonista no romance de Jane Austen, *Emma* (1815), não possui a intenção de casar-se por vontade própria e que, conseqüentemente, causa um espanto ao compartilhar seu pensamento com a personagem Harriet, que a questiona incansavelmente com o intuito de entender tal pensamento “incomum”. Através desse diálogo entre as duas personagens, notamos a importância do matrimônio para a sociedade na época e como a visão sobre as mulheres que não seguem o padrão de vida imposto a elas, são julgadas, principalmente como esse julgamento é mutável conforme as classes sociais; além do fato de serem limitadas e predestinadas por não possuírem uma relação conjugal. De maneira revolucionária, Austen, mais uma vez, nos mostra a presença de personagens fortes e a frente de seu tempo em suas obras, isto é, mulheres que têm opiniões próprias e as defendem mesmo perante uma sociedade que as colocam em segundo plano e de forma passiva.

- Me admira muito, Miss Woodhouse, que a senhora não tenha se casado nem esteja por fazê-lo! Tão encantadora como é!

Emma riu e respondeu:

- Meu encanto, Harriet, não é o suficiente para me induzir a casar; devo achar outras pessoas encantadoras... Pelo menos uma outra pessoa. E não só não estou para me casar no momento, como não tenho intenção de um dia vir a fazê-lo.

- Ah! Isso é o que a senhora diz. Mas não posso acreditar.

- Eu teria que encontrar alguém muito superior às pessoas que conheço para sentir-me tentada. [...] Espero não ser tentada, não posso de fato mudar para melhor, se me casasse sei que iria me arrepender.

- Meu Deus! É tão estranho ver uma mulher falar dessa maneira!

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H.

- Não tenho nenhum motivo que as mulheres normalmente têm para se casar. [...] Se eu me apaixonasse, é claro, seria outra coisa! [...] E sem amor eu seria uma tola em mudar minha situação atual. Não preciso de fortuna, nem ocupação, nem importância; acho que poucas mulheres casadas são tão donas de suas casas como eu sou de Hartfield. E nunca, nunca mesmo, poderia esperar ser tão verdadeiramente amada, tão importante, ser a primeira e a mais admirada aos olhos de um homem, como sou aos olhos de meu pai.

- Mas então a senhorita quer se tornar uma velha solteirona, como Miss Bates!

- [...] Mas entre nós duas estou certa de que não haverá nenhuma semelhança, exceto o fato de sermos solteiras.

- Mas ainda assim seria uma velha solteirona! Isso é tão terrível!

- [...] Uma mulher solteira, com renda ínfima, é uma ridícula e desagradável solteirona, motivo de riso para os rapazes e moças. Uma mulher solteira de fortuna, no entanto, sempre será respeitável, e pode ser tão agradável e sensível quanto qualquer outra pessoa. [...]

- Meu Deus! Mas o que a senhorita fará? Como vai empregar seu tempo quando ficar mais velha?

- [...] As ocupações de usuais das mulheres, com as mãos ou com a cabeça, estarão à minha disposição no futuro tanto quanto estão agora, ou ao menos não serão muito diferentes. Se eu pintar menos, posso ler mais; se eu desistir da música, posso fazer tapeçaria. E quanto aos objetos de interesse, ou mesmo de afeição, cuja falta é o único verdadeiro mal de não ser casada, acredito sempre que terei os filhos de uma irmã que adoro, a quem posso me dedicar. [...] Meus sobrinhos e sobrinhas! Poderei sempre ter uma sobrinha comigo (AUSTEN, 2012, p. 74-76).

Os romances de Jane Austen (1775-1817), carregam como temática principal, os valores sociais e a importância do casamento na vida da mulher daquela época. Um exemplo disso é o romance, *Orgulho e Preconceito* (2018). Nele, a autora inicia o livro da seguinte maneira: “É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de uma esposa.” (AUSTEN, 2018, p. 9); e a seguir, nos é apresentado uma das personagens que pode ser considerada um retrato da sociedade, a Sra. Bennet, mãe de cinco filhas cujo sonho é vê-las casadas com homens bem-sucedidos. “ - Se eu puder ver uma das minhas filhas bem estabelecida em Netherfield – disse a sra. Bennet ao marido – e, todas as outras igualmente bem-casadas, não vou querer mais nada” (AUSTEN, 2018, p. 15).

Correlacionados, tanto o modo de Austen de nos introduzir a história quanto ao personagem em questão, identificamos um reflexo ideológico e cultural da sociedade, e isso nos reafirma como o matrimônio era usado para atender os interesses econômicos de uma família, além disso, o papel da figura feminina, isto é, a maneira em que a mulher era condicionada para se obter um real valor dentro da sociedade.

Conforme Burgess (2006), Austen aborda em seus romances o mundo das famílias rurais e a sociedade inglesa de sua época, o que conseqüentemente, traz à tona assuntos como o matrimônio, interesses e o papel da mulher dentro da sociedade em questão. Dentre esses assuntos, o que mais fica evidente e recebe destaque em seus livros, é a presença do Amor e, como os relacionamentos se desenrolam perante às questões culturais e ideológicas.

Diferentemente das personagens principais dos romances *Razão e Sensibilidade* (1811); *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Emma* (1815), Jane Austen (1775-1817) nunca se casou. A escritora passou toda sua vida na casa de seu pai,



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

raramente viajou para fora de seu pequeno país, mas durante toda sua vida, se dedicou a sua grande paixão, a escrita (CCAA, [s.d.]).

Jane Austen escrevia em pedacinhos de papel. Não era uma mania, mas um artifício para se defender da curiosidade alheia. Muito tímida em relação à sua obra, ela podia escondê-los rapidamente se alguém entrasse em seu quarto sem avisar (MUSSE, 2004, p. 41).

Conforme Catherine Reef (apud MOREIRA, 2017), que abordou em seu livro fatos acerca da vida e carreira de Austen, conta que seus romances surgiram em meio a um momento que os livros de aventura e exploração estavam fazendo sucesso, o que leva a concluir que, a escritora se destacou dentre esses livros por meio de sua temática acerca das questões que envolvem as famílias do universo rural mas principalmente, pelos relacionamentos amorosos.

Em seus romances vemos a trajetória não somente das protagonistas como mulheres de classes sociais distintas que visam a felicidade e a ascensão na sociedade em pleno século XVIII, mas também das relações afetivas que as mesmas desenvolvem com seus respectivos pares. *Razão e Sensibilidade*, nos é apresentado dois triângulos amorosos: Elinor, Edward e Lucy, bem como Marianne, Willoughby e Coronel Brandon. Enquanto, *Orgulho e Preconceito*, vemos o casal Elizabeth e Darcy lidarem com os próprios sentimentos como, orgulho e vaidade, em relação ao outro, até chegarem, de fato, ao amor romântico. Já *Emma*, há a compreensão do desejo dela ao Mr. Knightley em meio aos vários relacionamentos arranjados pela personagem.

4.2 Quem foi Tom Lefroy?

Os romances de Austen (1775-1817) são mundialmente conhecidos por sua escrita descritiva acerca da sociedade, cultura, política, costumes, tradições e cenários; bem como o uso de recursos linguísticos como: ironia, comicidade, a constante preocupação com o bom senso, a conveniência e a moralidade e suas figuras femininas. A partir deles, pode-se observar como a sociedade dos séculos XVIII e XIX organizavam-se, ou seja, a autora passa a exata visão de como era viver e amar naquele tempo. No entanto, Austen, por meio dos conflitos por interesse econômico ou político, aborda dramas amorosos que, pessoalmente, refletem sua história de vida e podem ser compreendidos como plano de fundo para tais construções, principalmente no que diz respeito ao amor. É provável que tais vivências tenham se originado de seu contato com Thomas Langlois Lefroy que se encontrou com Jane Austen em sua juventude, despertando diversos sentimentos que não puderam ser vividos por ela.

Lefroy (1776-1869) foi um político e juiz irlandês que, posteriormente, conquistou o cargo de Chefe da Justiça da Irlanda; se formou em *Trinity College*, Dublin, 1795, e logo em seguida começou a estudar direito em Londres. Conforme o site, *Jane Austen Centre* (2011), "*He was greatly concerned with the welfare of his family and provided generously for his relative's education, praising his "good heart, a good mind, good sense, and as little to correct in him as ever I saw in one of his age."* (CENTRE, 2011, p. 3). Em dezembro de 1795, com o novo mandato começando em janeiro do ano seguinte, Thomas Langlois Lefroy tirou várias

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H. semanas de folga para ir visitar seus tios em Ashe – perto das proximidades vivia a família Austen, em Steventon – a quase sessenta milhas de distância. “*At some point, however, it was decided that [Lefroy] should take a break. Family history maintains that long nights poring over books had weakened his constitution and his eyesight. It was clear that he needed a rest*” (CENTRE apud PIRNIA, 2019, p. 2).

Figura 2 – Thomas Langlois Lefroy



Fonte: Pirnia, 2019, p. 2.

Segundo Walker (2006, p. 1), “*during a festive four-week period over Christmas and New Year’s, 1795-1796*”, os jovens, Lefroy e Austen, se conheceram por volta de seus vinte anos e, devido às circunstâncias da época, os bailes eram realizados com frequência, logo, se encontraram e dançaram bastante. Austen, através de cartas, compartilhava diversas informações e sentimentos em relação ao visitante com Cassandra, sua irmã que, por sua vez, não estava presente devido ao fato de ter ido visitar seu noivo, Thomas Fowle.

Only two letters survive from this period of Jane Austen’s life, but they are invaluable to the scholar seeking information about this only known love interest who obviously shaped Jane’s outlook on love and life [...] It is also known that after Jane’s death, Cassandra ruthlessly purged her letters, lest any that might seem too personal fall into the wrong hands. We will never know what the missing letters were that Jane wrote to her sister (CENTRE, 2011, p. 5-6).

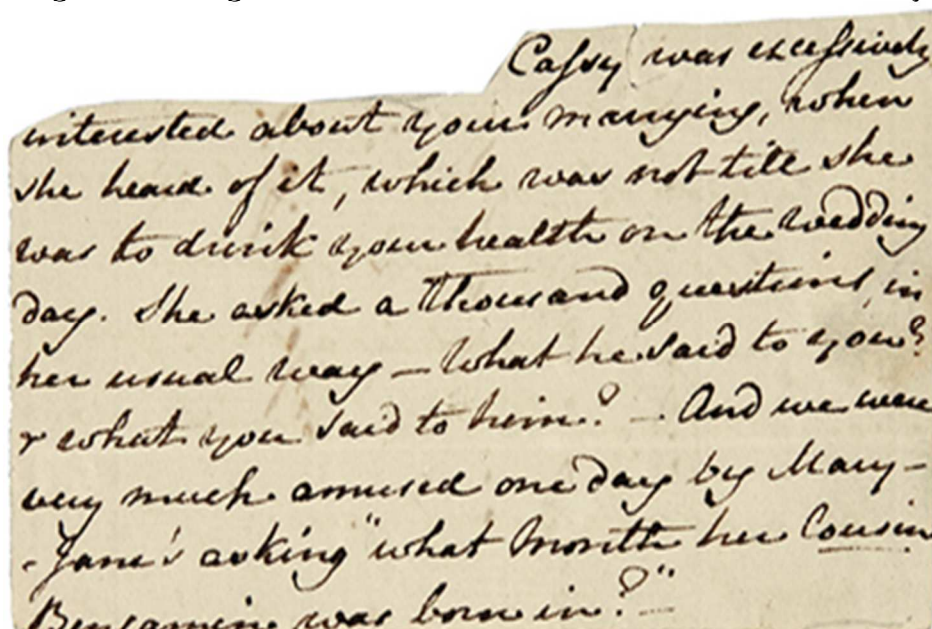
Curiosamente, em conformidade com os sites Forbes e *Artnet’ News* entre as datas 11 e 12 de julho de 2017, foi publicado a notícia de que dois fragmentos da carta de Austen estavam a leilão “*Acclaimed author Jane Austen was not afraid to trash the work of lesser authors. An 1812 letter penned by the celebrated novelist, skewering a book by one of her contemporaries, sold for £162,500 (\$209,300) at Sotheby’s London on July 11*” (CASCON, 2017, p. 1). A

ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

destinatária da carta era a sobrinha de Austen, Anna Austen Lefroy³, filha mais velha do irmão da escritora, Reverendo James Austen e, segundo os leiloeiros, as cartas pertenciam à família da escritora e tais cartas, com a data de 29 e 30 de outubro de 1812 – auge da carreira literária – nunca fora comercializada antes.

The missive was addressed to Austen's niece, Anna Lefroy. In it, Austen writes unsparingly of Rachel Hunter's gothic novel *Lady Maclairn, the Victim of Villainy*, calling it "most tiresome and prosy". Despite the volume's shortcomings, aunt and niece took great pleasure in Reading the melodramatic, sensationalist, clichéd text. Apparently, so bad-it's-good is not a modern phenomenon. [...] Two additional fragments from letters Austen to Lefroy also it the auction block, one selling for £17,000 (\$22,500), the other, estimated at £30,000 – 50,000 (\$38,600 – 64,400), failing to find a buyer (CASCONE, 2017, p. 1).

Figura 3 – Fragmento da carta de Austen a Anna Austen Lefroy

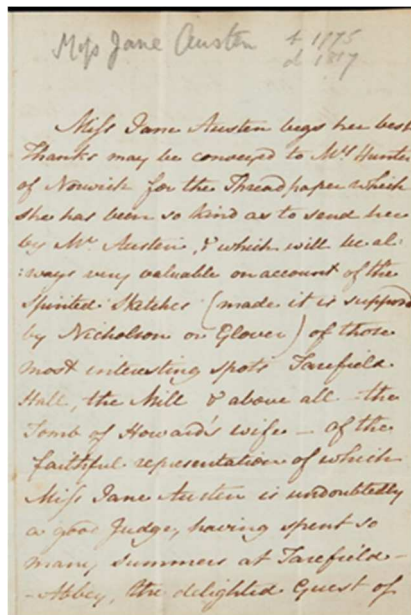


Cathy was exceedingly interested about your marrying, when she heard of it, which was not till she was to drink your health on the wedding day. She asked a thousand questions, in her usual way – what he said to you? & what you said to him? – And we were very much amused one day by Mary-Jane's asking "what month her Cousin Benjamin was born in?"

Fonte: Cascone, 2017, p. 1.

³*Cartas sobre o romance* é um livro com cinco cartas que Austen escreveu a Anna Austen Lefroy, sobre assuntos literários. Anna Lefroy tinha pretensões literárias. Após a morte de Jane Austen, Cassandra distribuiu os bens da herdeira e coube a sua sobrinha o manuscrito inacabado da novela *Sandition*, em que escreveu uma continuação, também, incompleta. (SALLABERRY, 2018).

Figura 4 – Carta de Jane Austen sobre Lady Mclairn, the Victim of Villainy



Fonte: Cascone, 2017, p.1

Embora Austen seja reconhecida mundialmente por retratar temáticas sociais, culturais e políticas; sua literatura aborda diversos relacionamentos amorosos, bem como anseios dos personagens e as dificuldades vivenciadas pelos casais para que possam terminar juntos ou, pelo menos, com um final feliz. No entanto, na vida da autora, isso não ocorreu. Conforme diversos autores e para a tristeza dos fãs, Jane Austen viveu uma relação unilateral com Lefroy, em que teve seus sentimentos despertados, mas não correspondidos. Após se conhecerem no baile de Natal e Ano Novo, nos anos de 1795-1796, Thomas Langlois Lefroy volta imediatamente, após receber uma ligação das damas Austen em janeiro de 1796, para Londres devido seus compromissos como estudante de direito: *“Tom left immediately after the Ashe ball not because he fled or was sent away from Jane but simply because he was a student who was already late for the opening of the court on January 11”* (WALKER, 2006, p. 3).

Muitas suposições giram em torno dessa volta repentina de Lefroy. Para alguns houve uma intervenção por parte de Anne Brydes Lefroy, sua tia, visto que segundo relatos, era uma mulher que tinha grande poder de persuasão sobre seus amigos e filhos (CENTER, 2011). Porém, Ray (2007) salienta o fato de Lefroy ser um homem muito íntegro e já estar envolvido com uma jovem irlandesa anos antes de conhecer Jane Austen. Em virtude disso, o noivado entre Lefroy e Mary Paul, em 1797, apenas enfatiza os reais motivos dele ter ido embora logo após a ligação das senhoras Austen, da mesma forma que esclarece os verdadeiros sentimentos de Lefroy para com Jane Austen.

In researching the character of Tom Lefroy, nephew of Madam Lefroy, Austen's beloved mentor and friend, for a 2006 essay in *Notes and Queries*, I began to question the extent of the Austen/Lefroy relationship and to perceive him as a young man of unquestionable probity and strong professional ambition whose heart actually belonged to another at the time he met Austen. This essay develops ideas first presented there, as well as



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

offering some things new. Its dual guiding premises are that Lefroy was both too principled and too involved with a young Irishwoman, the sister of his close college friend, to trifle with or pursue Austen, and that young Jane Austen, (with apologies to my fellow-Janeites) an overly-exuberant young lady, misread Lefroy's intentions. Tom Lefroy is thereby exculpated from the charge leveled by his aunt, Madam Lefroy, of "behav[ing] so ill to Jane Austen" (RAY, 2007, p. 1).

O autor ainda salienta que em suas primeiras cartas do dia 9 a 10 de janeiro de 1796, a autora escreve para sua irmã, Cassandra, dizendo como ela e seu "Irish friend" eram "profligate and shocking in the way of dancing and sitting down together" em três bailes e, em seguida acrescenta, "But as to our having ever met, except at the last three balls, I cannot say much"(RAY, 2007, p. 1); o fato dela não poder dizer tanto quanto gostaria apenas reafirma o quão limitado foi esse contato entre ambos os jovens, ou seja, tiveram pouco ou nenhum contato além do baile.

Austen's final epistolary reference to Tom occurs in her letter of 17-18 November 1798. The letter indicates that Madam Lefroy knew that her Irish nephew was not romantically pursuing Jane Austen. Austen writes that "of her nephew [Madam Lefroy] said nothing at all," and touchingly that she herself "was too proud to make any enquiries," showing that Austen had far more interest in Lefroy than he had in her (RAY, 2007, p. 1).

Outro ponto pertinente, é que mediante o noivado de sua Cassandra com Tom Fowle, Austen, possivelmente, pode ter sofrido pressões ou, até mesmo autoinduzida, a encontrar um noivo para si; o que a leva se comportar para Tom Lefroy e a escrever de forma exuberante para sua irmã. Em seu artigo "The One-Sided Romance of Jane Austen and Tom Lefroy", Joan Ray (2007), mostra diversos pontos que reiteram e esclarecem as verdadeiras intenções de Tom Lefroy em relação a autora. Inclusive, encontros que foram realizados por parte dele, mostrando que o mesmo tinha conhecimento e respeito para com os sentimentos de Austen. No entanto, é notório que haja diversas hipóteses sobre o romance em questão, dadas as circunstâncias de que se trata de uma grande escritora da literatura inglesa, também devido ao fato dela não ter um 'final feliz' ou 'viver o amor' como suas protagonistas.

Tom's character, which is presented in the *Memoir*, helps to explain Tom's behavior during that winter holiday period of 1795/96, when he met and danced with Jane Austen, as well as when he ran away from her and failed to tell her of his career plans. Family gossip has been handed down regarding his behavior towards Austen, even as Austen's statements in her letters attest to minimal contact between her and Tom. Yet desiring to create a passionate romance for Austen, mistress of love stories, proponents of an Austen-Lefroy "philo-progenitive" relationship have either failed to consult the *Memoir* or consulted it only selectively. Putting what Austen actually states in her letters together with what the *Memoir* reports of Tom's character and activities suggests that their biggest topic of conversation was the color of his coat. Besides, if the Jane Austen-Tom Lefroy relationship had been a passionate romance, would the ever-vigilant Cassandra, keeper of thousands of her sister's letters, allowed the Lefroy-letters to escape the flames in which she burned the epistles that she felt embarrassing or

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H. compromising to her beloved sister? Finally, as the research of Jocelyn Harris, in particular, has shown, while Austen's life provided literary inspiration, so did her imagination and her reading (RAY, 2007, p. 1).

Apesar de Tom Lefroy e Jane Austen não resultar em romance e, posteriormente, em um casamento, sua presença na vida da autora não foi em vão. Para alguns estudiosos, o famoso contato entre Lefroy e Austen, serviu de inspiração para a construção de uns dos personagens mais marcantes dos romances, Sr. Darcy, *Orgulho e Preconceito*. Isso é explorado através de uma adaptação cinematográfica que conquistou seus leitores através da “adorável e romântica especulação histórico-literária” tão desejada pelos admiradores do casal; “uma espécie de “Shakespeare apaixonado” em tom feminino” (BAHIANA, 2007, p. 1). *Becoming Jane (2007)* – Amor e Inocência.

Traça a hipótese de que o personagem Darcy, de “Orgulho”, foi inspirado por uma verdadeira paixão da autora, o jovem advogado Tom Lefroy. E que, impossibilitada de consumir esse amor pelos entraves sociais da época, Austen lhe deu um final feliz no livro -- e, coerente com seus princípios, jamais se casou, optando por viver de seu trabalho e não dos complexos esquemas matrimoniais sonhados por sua mãe (BAHIANA, 2007, p. 1).

No filme, ao se conhecerem, os protagonistas passam por diversos momentos de ‘provações’ entre si, o que nos remete ao Sr. Darcy e Elizabeth Bennet, *Orgulho e Preconceito*, devido tanto ao modo de agir de Darcy, como por exemplo, a vaidade e a arrogância, quanto ao modo de Elizabeth: independente e questionadora; bem como o desejo da mãe em ver sua filha casada, remetendo a Sra. Bennet. No entanto, essa ficção cria uma espécie de amor impossível entre Austen e Lefroy, por conta da falta de recursos financeiros de ambas as partes. Tanto no mundo ficcional quanto no real, Jane Austen não apresenta um ‘final feliz’ como a de suas personagens nos romances *Razão e Sensibilidade (1811)*, *Orgulho e Preconceito (1813)*, e *Emma (1815)*.

Jane Austen (1775-1817), como uma escritora romântica, apresentou aos seus leitores uma enorme quantidade de diferentes casais através de seus livros, casais estes que quase sempre serviam, de alguma forma, como um reflexo da temática presente em suas respectivas histórias. Em *Orgulho e Preconceito*, temos o relacionamento da protagonista Elizabeth com Darcy sendo construído de forma à ficar intrinsecamente ligado aos arcos de ambos os personagens, ou seja, à construção e desenvolvimento deles através do livro. Elizabeth, por sua vez, sente uma inimizade por Darcy em seus encontros iniciais e passa a se apaixonar por ele enquanto abandona seu orgulho, assim se relacionando com o tema principal do livro. Os arcos de personagem que o casal enfrenta são concluídos quando Darcy admite à Elizabeth seus sentimentos, resultando no casamento dos dois, resultado deles superando seus próprios orgulhos e preconceitos. Há também o relacionamento entre Jane e Bingley, este que, apesar de menos conturbado que o de Elizabeth com Darcy, também passa por situações de conflito, mas terminam sua história no livro com um pedido de casamento.

Em *Emma*, por outro lado, temos a protagonista sendo constantemente repreendida por seu eventual parceiro romântico, Mr. Knightley. Emma é retratada como uma personagem arrogante, uma mulher que não possui conhecimento de como suas ações podem afetar negativamente aqueles à sua volta, enquanto Mr.



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

Knightley é o único personagem que pode se opor à ela e apontar algumas de suas ações como negativas. Um exemplo dessas ações é a história de Harriet, a amiga de Emma que tem seu romance desmotivado pela protagonista, levando o livro a abordar, mesmo que através de uma personagem secundária, a ideia do casamento por interesses sociais e financeiros. Por fim, a realização de Emma sobre seu próprio meio de agir e sua superação sobre tal meio a levam a perceber seus sentimentos por Mr. Knightley, concluindo a construção do principal casal do livro. Harriet, apesar de sua falta de destaque com seu par romântico, também termina o livro prestes a se casar com George, o homem que ela demonstrava amar desde sua primeira aparição; a construção até esse final é longa, visto que Harriet não apenas é rejeitada (e humilhada) por Mr. Elton, um vigário de alto status social, mas também se apaixona brevemente por Mr. Knightley antes de voltar ao seu parceiro romântico original.

Por fim, em *Razão e Sensibilidade*, vemos dois casais sendo construídos através das maneiras de pensar de cada protagonista, sendo Elinor aquela que age movida pela razão e Marianne pela sensibilidade. Para o relacionamento de Elinor, somos apresentados à Edward, um homem que secretamente já estava noivo de outra mulher: Lucy Steele. O interesse de Elinor por Edward não se origina de uma simples paixão rápida ou de elementos superficiais, visto que a mulher o julga como seu parceiro ideal e não meramente um homem que compartilhava de seus interesses. Marianne, por outro lado, age de forma contrastante à sua irmã, sendo facilmente influenciada pelos próprios sentimentos e, assim, busca por um relacionamento com John Willoughby sem pensar racionalmente na situação. A temática de "sensibilidade" presente no livro se mostra nas consequências da falta de razão por parte de Marianne, que é abandonada por Willoughby e termina sua história com Coronel Brandon, o homem que verdadeiramente desejava se casar com ela.

5 Análise dos personagens

5.1 *Orgulho e preconceito*: Elizabeth Bennet

Segunda filha da família Bennet, e a mais inteligente e perspicaz, Elizabeth é a protagonista de *Orgulho e Preconceito* e uma das personagens femininas mais conhecidas da literatura inglesa. Suas qualidades admiráveis são inúmeras. Ela é descrita como uma personagem inteligente, direta, impertinente e brincalhona e, em um romance definido pelo diálogo, ela conversa brilhantemente. Sua honestidade, virtude e espírito vivaz permitem que ela supere as tolices e o mau comportamento que permeiam sua sociedade limitada por classes. Mesmo em seus momentos mais cegos, Elizabeth Bennet é uma personagem atraente infalível e é considerada uma beleza local e encantadora. Ela é descrita com olhos especialmente expressivos, mas o que todos notam nela é sua inteligência espirituosa e seu bom senso. Sua autoconfiança vem de uma mente crítica perspicaz e é expressa por meio de seu diálogo sagaz. Elizabeth Bennet é a filha do Sr. e da Sra. Bennet e tem quatro irmãs. A família vive em Hertfordshire, Longbourn, perto da vila de Meryton. Seu bom senso faz com que seja a filha

favorita do pai e a menos favorita da mãe. Algo importante a ser observado no início do romance é que Elizabeth tem um ótimo senso de humor. Seu bom senso de humor pode ser visto muito ao longo do livro, como o autor mesmo explicou no capítulo três, "Ela contou o fato, porém, com muita graça entre suas amigas; pois tinha uma disposição vívida e divertida, que tornava aprazível qualquer coisa ridícula" (AUSTEN, 2018, p. 21).

Elizabeth "Lizzie" Bennet, que como descreve Reef (2014), é uma moça articulada e sem papas na língua, e que, diferente de sua família, permite se guiar pelo uso da razão, gosta de fazer análises sobre a natureza humana, algo que Reef (2014), aponta ser uma característica comum entre Jane Austen e sua heroína. No início do romance, ela é retratada como sendo pessoalmente orgulhosa de uma rapidez mental e boa percepção em julgar o comportamento social e as intenções dos outros, e, geralmente, está certa sobre as pessoas. Por exemplo, ela reconhece dolorosamente o comportamento inadequado da maior parte de sua família. Contudo, sua língua afiada e tendência para fazer julgamentos precipitados, além de sua confiança em seu próprio discernimento, uma combinação de orgulho e preconceito, é o que a leva a seus piores erros. No entanto, embora às vezes formidável, Elizabeth também é emocional. Ela sente muito carinho por sua irmã Jane e se preocupa genuinamente com suas irmãs mais novas e desajuizadas, Lydia e Kitty, além de ser muito próxima do pai. Ela é muito bondosa e vemos isso em seu relacionamento com Charlotte, sua amiga. Seu principal defeito é o preconceito. Para seu crédito, entretanto, ela é capaz de superá-lo. Elizabeth dá pouco valor ao dinheiro e à posição social. Em vez disso, ela valoriza a independência de caráter e virtude pessoal de uma pessoa.

Ao analisar o romance *Orgulho e Preconceito*, Loubak (2017) observa que apesar de saber que as possibilidades de ascensão social para uma mulher daquele período se limitavam a um bom casamento, a personagem de Elizabeth estava convicta de que apenas o verdadeiro amor a levaria ao matrimônio. Tal firmeza de opinião leva Elizabeth a recusar dois pedidos de casamento, sendo um deles feito por Mr. Darcy que mais tarde acabaria se tornando seu interesse romântico. Há um ponto importante a ser observado quanto à lei daquele período. Conhecida como direito da primogenitura, a lei defendia que somente homens poderiam herdar bens. Mr. Bennet não possuía filhos, portanto, nenhuma de suas cinco filhas herdariam sua casa e dinheiro. A herança passaria ao parente homem mais próximo, ou seja, todos os bens de Mr. Bennet eram de Mr. Collins, primo de Elizabeth. Mr. Collins foi o primeiro a propor casamento a Elizabeth, pensando ser uma união conveniente e vantajosa para ambos. Elizabeth, convicta de que permanecer solteira a se casar por outro motivo que não seja o amor, recusa o pedido, mesmo estando ciente de que não se casando, seu futuro seria incerto e sem muitos recursos.

Conforme o desenrolar da história, as opiniões da protagonista sobre amor e casamento sofrem mudanças. Jane Austen usa Elizabeth para nos mostrar o casamento maduro e ideal. Elizabeth, a princípio, parece muito clara sobre o que espera de um relacionamento. Como ela diz a Charlotte, ela não está procurando um marido, muito menos um rico. Ela despreza os jogos de namoro, quer saber tudo sobre o parceiro. Porém, em decorrência de diversos acontecimentos, a heroína percebe que lentamente seu preconceito a desviou e entende que questões como considerações financeiras e sociais são importantes em certas situações. No entanto, sua visão do casamento como uma parceria igualitária é muito válida e sua



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

recusa da proposta do Sr. Collins é justificada. Elizabeth precisa de um parceiro de verdade, e ela o encontra em Darcy.

5.1.1 Fitzwilliam Darcy

Fitzwilliam Darcy, ou Mr. Darcy, é tímido, rico e aristocrático, filho de uma família rica e bem estabelecida e dono da grande Pemberley, uma propriedade cara localizada no condado de Derbyshire. Ele é um personagem socialmente estranho, o que o faz inicialmente parecer frio, arrogante e orgulhoso. Inteligente e franco, ele também tem a tendência de julgar com muita pressa e severidade, e seu nascimento elevado e riqueza o tornam excessivamente orgulhoso e consciente de seu status social. Darcy exibe todas as boas e más qualidades do aristocrata inglês ideal, esnobe e arrogante, ele também é completamente honesto e seguro de si. Ele é descrito como sendo alto e bonito, mas seu comportamento é hostil, indiferente e inacessível. Tem uma irmã, Georgiana, que o adora, e o sentimento é mútuo. Parece seguro presumir que Darcy é um homem reservado e que sua criação influenciou muito as opiniões das pessoas ao seu redor. Embora o senso de superioridade social de Darcy ofenda as pessoas, também promove alguns de seus melhores traços.

O Sr. Darcy é o herói de *Orgulho e Preconceito*. Ele tem o direito de ser considerado um herói porque tem a capacidade de mudar e amadurecer e porque é o verdadeiro parceiro da heroína, Elizabeth Bennet. Quando o encontramos pela primeira vez, no entanto, ele parece ser o vilão do livro. Ele aparece no baile de Meryton e é imediatamente odiado por todos por desaprovar a noite, não se misturar e parecer acima de si mesmo. Darcy é apresentado ao leitor pela primeira vez em um cenário público e Austen opta por mostrar todos os seus piores traços de caráter nesta cena porque mantém o leitor questionando qual papel o herói desempenha nesta peça e como é seu verdadeiro personagem.

Mr. Darcy logo atraiu a atenção da sala com sua admirável figura esguia, seus belos traços, seu ar nobre e o boato, que estava em circulação cinco minutos após sua entrada de possuir uma renda mensal anual de dez mil. Os cavalheiros o elegeram como uma excelente imagem masculina, as damas declaram que ele era muito mais bonito do que Mr. Bingley e foi encarado com grande admiração por quase metade da noite, até que seus modos causaram um desgosto que reverteu sua maré de popularidade; pois se descobriu que ele era orgulhoso; que estava acima dos demais; acima de ser satisfeito (AUSTEN, 2018, p. 19).

Conforme dito anteriormente, Darcy sofre mudanças positivas no decorrer do romance. Seu principal defeito é o orgulho, característica essa, que o personagem tenta honestamente mudar. Ele foi moldado desde a infância para ser orgulhoso e no início do romance, ele defende tal característica, embora perceba a importância de controlá-lo, o que ele sente que pode fazer. No entanto, ele está errado e seu orgulho o leva a se comportar mal em diversas situações. Ele é bem educado, embora seja bastante rude em seu primeiro discurso; não pretende ofender e certamente nem sempre é intencional. Ele é naturalmente tímido e reservado, o que também é confundido com arrogância.

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H.

Sua bela imagem e boas maneiras o tornam um homem carismático. A primeira impressão pode ser enganosa, pois sob a máscara da indiferença, existe um homem sensível e generoso, que sabe usar sua mente aguçada e carisma. Ele demonstra generosidade com a família Bennett ao salvá-los da desgraça social e se mostra honesto e capaz de fazer autocríticas e no final do romance admite suas falhas. Em certo ponto da história fica claro a verdadeira bondade e generosidade de Darcy. Ele é um irmão afetuoso, de confiança de Georgiana, um senhorio sábio e generoso e um bom amigo de Bingley. Jane Austen cria Darcy como um personagem interessante e realista com falhas.

5.1.2 Relacionamento amoroso em *Orgulho e Preconceito*

Fitzwilliam Darcy e Elizabeth Bennet são, respectivamente, a representação do orgulho e do preconceito ditos no título da obra. A característica mais atraente de Elizabeth é sua tendência independente e sua "autossuficiência". Ela julga as coisas por si mesma e é capaz de ações decisivas. Já a opinião que se forma de que o Sr. Darcy é desagradável logo tem provas concretas no diálogo entre o Sr. Darcy e o Sr. Bingley, que se oferece para apresentá-lo a Elizabeth.

“A quem se refere? e, virando-se por um momento, viu Elizabeth, que cruzou seu olhar fazendo-o retrair o seu, e friamente disse, “Ela é tolerável, mas não bela o bastante para me tentar; não estou com humor no momento para dar consequência a jovens damas que são desprezadas por outros homens” (AUSTEN, 2018, p. 21).

Após este primeiro encontro, Elizabeth, embora não conheça o Sr. Darcy de verdade, quase imediatamente julga seu caráter como arrogante e orgulhoso. Tais características confirmam no leitor a certeza de que o Sr. Darcy é o “vilão” da história. Como analisa Babb (1962), em vez de cogitar-se a possibilidade de uma irritação instintiva de uma pessoa tímida diante de uma invasão agressiva de sua privacidade, toma-se como certo que o que ele demonstra é um desprezo absoluto, gerado pelo orgulho. E este é o começo da manipulação de Jane Austen através do foco narrativo. Elizabeth, ao fazer julgamentos das pessoas ao seu redor baseados na aparência e não na realidade, em suas fortes emoções, não no pensamento racional, faz de Darcy seu principal ponto de preconceito. Ela nos conta que, desde o início, pretendia ser "incomumente inteligente" em não gostar de Darcy. Sua antipatia inicial é vista como justificada porque o primeiro comentário de Darcy foi cruel e ofensivo. Depois, porém, ela se delicia em provocá-lo. Vale a pena tentar localizar o momento exato em que Elizabeth se apaixona por Darcy. O fato da personagem não gostar dele e provocá-lo na primeira parte do romance pode ser um sinal de sua atração, mas Elizabeth não admite isso.

Embora Elizabeth seja propensa a preconceitos, ela também é aberta e gentil com aqueles que são gentis com ela. Esse impulso de reciprocidade permite que Elizabeth se relacione facilmente com o charmoso e atencioso Sr. Wickham. Devido à sua má primeira impressão de Darcy, Elizabeth é rápida em acreditar nas mentiras de Wickham sobre o péssimo tratamento que o Sr. Darcy deu a ele. Elizabeth até considera o Sr. Wickham um interesse amoroso por um curto período de tempo. Enquanto isso, cada encontro casual entre Elizabeth e Darcy aumenta a afeição dele por ela. Em uma visita a ela, para sua surpresa, ele a pede



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

em casamento. Elizabeth o rejeita totalmente e fere seu orgulho ao dar a entender que ele não se comportou de maneira cavalheiresca durante sua proposta. Elizabeth também o culpa por magoar o Sr. Wickham e por arruinar a chance de sua irmã de amar o Sr. Bingley ao dizer para o amigo que Jane Bennett não o amava como devia.

Neste romance, o narrador é do tipo heterodiegético. Sendo assim, sabe-se que:

Em romances de narrador heterodiegético, pode existir uma focalização interna circunscrita a uma personagem ou a poucas personagens — o narrador desposa, nestes casos, o ponto de vista da personagem ou das personagens —, ou pode verificar-se uma focalização interna generalizada, surgindo então o narrador como detendo a faculdade de analisar, quando lhe apraz, a interioridade de qualquer personagem (SILVA, 1974, p. 89).

Austen opta por mostrar todos os piores traços de caráter de Darcy porque mantém o leitor questionando qual papel o herói desempenha nesta peça e como é seu verdadeiro personagem. Porém, toda a visão que o leitor tem sobre o personagem se dá através da opinião própria de Elizabeth. O narrador heterodiegético de Jane Austen precisa de uma focalização interna. Essa focalização se mantém, em grande parte da história, com a personagem principal:

“Em seus romances [de Jane Austen] há geralmente uma personagem cuja consciência recebe posição privilegiada e cuja vida mental é apresentada de modo mais completo que a das outras personagens. Em *Pride and Prejudice* [...], a história é contada substancialmente a partir do ponto de vista de Elizabeth Bennett, a heroína” (WATT, 1990, p. 258).

O narrador escolhe apenas Elizabeth como focalização baseado no fato de que o leitor só terá acesso ao interior de Sr. Darcy nas partes finais do romance. Jane Austen mantém o leitor no escuro para que possa conseguir o principal efeito dramático da história, que é a surpresa da primeira proposta do Sr. Darcy, escolhendo assim, não dizer ao leitor, diretamente, que ele está apaixonado por Elizabeth. Babb (1962) destaca que, com suas manobras, Austen obscurece a real natureza do Sr. Darcy até a metade do livro.

Elizabeth reage à proposta com raiva genuína e, pela primeira vez em sua vida, a arrogância, vaidade, desdém do personagem são desafiados. Este é, o ponto de mudança para Darcy que, mais tarde, escreve a Elizabeth uma carta explicando suas ações. Levou algum tempo para começar a se alterar, mas na verdade, na manhã seguinte, Darcy havia entendido o suficiente para querer se justificar em uma carta. Ele pensa sobre suas ações, lentamente percebendo quão insuficientes eram todas as suas pretensões para agradar uma mulher digna de ser satisfeita. Elizabeth fica inicialmente zangada com o Sr. Darcy e rejeita o que ele diz na carta, mas depois de lê-la várias vezes, começa a entender seu ponto de vista. Nesse ponto, Elizabeth reflete sobre sua própria natureza crítica e começa a perceber que o Sr. Wickham não é um bom homem e que suas opiniões iniciais a respeito de Darcy estavam equivocadas.

A carta de Darcy abre seus olhos para a verdade. Ela finalmente percebe a quão cega, parcial e preconceituosa tem sido e se torna consciente que é culpada da mesma falha que acusou Darcy de ter, orgulho. A partir desse ponto do

romance é possível ver a mudança da personagem e como ela tenta olhar as situações com clareza e sem orgulho. Ela admite seus defeitos para Jane e tenta resolver seus problemas de maneira honesta e racional e, a partir de agora, valoriza Darcy. Diante da verdade sobre si mesma, percebendo que foi muito afetada por seu orgulho e preconceito, ela aceita o fato, pensa a respeito e age de acordo com suas conclusões. O mesmo ocorre com Darcy que, a partir do momento em que toma consciência de seus maus atos, promove mudanças em si mesmo; a maior parte delas se deve ao fato de que ele ama Elizabeth. “O amor de Darcy para Elizabeth lhe permite realizar algo totalmente oposto ao seu temperamento anteriormente ressentido.” (HODGES apud TEIXEIRA, 2009, p. 30). Sua maneira externa, ao contrário de muitos no romance, é um sinal de sua mudança interna. O ponto de autoconsciência dos personagens completa o círculo em que tanto o herói quanto a heroína são responsáveis pela maturidade do outro.

5.2 EMMA: Emma Woodhouse

Peter (2018), ao analisar o romance e a descrição da personagem central feita por Jane Austen, acrescenta que Emma é o tipo de heroína que custa agradar aos leitores, pois apesar de bela, é presunçosa e apesar de ser inteligente, é totalmente parcial aos seus próprios julgamentos. “*I am going to take a heroine whom no one but myself will much like*” (Austen-Leigh, [s.d], p. 157). Com quase vinte e um anos Emma Woodhouse nunca aprendeu a seguir a orientação de ninguém além da sua. O narrador nos apresenta Emma enfatizando sua boa sorte: bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição feliz, Emma viveu quase vinte e um anos no mundo com muito pouco para afligi-la ou irritá-la. Mas, o narrador nos avisa, Emma possui o poder de ter muito à sua maneira e uma disposição para pensar um pouco bem de si mesma. A teimosia e a vaidade de Emma produzem muitos dos conflitos do romance, enquanto Emma luta para se desenvolver emocionalmente. Desde o início, Austen caracteriza Emma como uma jovem autoiludida. O estilo de narração de Austen permite ao leitor compartilhar as ilusões de Emma:

Quanto mais ela considerava isso, maior era seu senso de conveniência. A situação de Mr. Elton era a mais adequada, ele próprio um cavalheiro e sem ligações baixas; ao mesmo tempo, não pertencia a nenhuma família que pudesse se opor ao duvidoso nascimento de Harriet. Ele tinha uma casa confortável para ela, e Emma imaginava uma renda bastante suficiente; pois embora o vicariato de Highbury não fosse grande, ele era conhecido por possuir algumas propriedades independentes; e ela o considerava muito bem, como um jovem bem-humorado, bem-intencionado e respeitável, sem qualquer deficiência de compreensão útil ou conhecimento do mundo (AUSTEN, 2018, p. 42).

Contudo, a heroína é genuinamente preocupada com a vida dos menos abastados, o que se deve admirar na personagem. Emma vive sozinha com seu pai Mr. Woodhouse, que sofre de hipocondria. Pelo fato dela ter perdido a mãe quando criança, a personagem foi educada por uma governanta, Miss Taylor, a quem ela considera como mãe, e sempre se dirige a ela quando precisa de conselhos. Miss Taylor, que morava com os Woodhouse, encontra um bom partido, Mr. Weston, com quem se casa, graças à ajuda de Emma, que age como cupido entre os dois. No



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

início do romance, sua maior falha é uma combinação de vaidade e orgulho: ela se considera um pouco exageradamente elevada e se acredita possuidora de grande discernimento para casamentos. Como todo romance austeniano, a história contada em Emma é repleta de ironias, sendo que “a maior ironia no romance está em Emma ter um poder doméstico e acreditar que esse mesmo poder pode mudar o mundo em sua volta” (PACHECO; SOUZA, 2011, p. 8).

Depois de ter sucesso ajudando a amiga a achar seu par, Emma decide fazer o papel de cupido entre seus vizinhos, Harriet e o jovem clérigo Mr. Elton. Emma vê em Harriet uma nova missão para si, e a torna sua pupila. A heroína busca então, como aponta Peter (2018), ensinar pintura, desenvolver a personalidade de Harriet e melhorar seus modos, o fazendo com a ciência inabalável de sua superioridade. Essa questão é evidenciada no trecho abaixo:

Emma faria Harriet melhorar seu nível social, tentaria separá-la de amizades inadequadas, apresentaria a amiga à boa sociedade, modificaria suas opiniões e maneiras. Certamente seria um compromisso interessante e gentil que mudaria completamente a vida de Harriet, seus passatempos e suas possibilidades (AUSTEN, 2018, p. 320).

Ela tem boas intenções, mas não consegue perceber que não lhe cabe interferir na vida dos outros. Além disso, tem uma opinião muito elevada sobre si mesma e acredita estar sempre certa.

Emma é uma arranjadora, ela é uma controladora das questões amorosas alheias. Acostumada a tomar conta de cada pequeno capricho de seu pai para evitar qualquer possível desconforto, ela estende esse dever para todo o seu ciclo de amizades e vizinhança também (MUDRICK, 1968, p. 110).

Apesar dessas falhas, a compreensão e a boa natureza de Emma permitem que ela aprenda com seus erros e cultive a bondade e a humildade. Ao contrário de *Orgulho e Preconceito*, em que a heroína Elizabeth Bennet não tem direito a herança de seu pai, em Emma, a heroína é herdeira de trinta mil libras. Por ser herdeira e possuir o poder doméstico em sua casa, Emma não vê necessidade de se casar.

- Pergunto-me, srta. Woodhouse, por que você não se casou ou não deseja se casar? É tão bela! Emma riu, e respondeu:
- Minha encantadora Harriet, não tenho motivos suficientes que me tentem a casar. Posso até admirar alguns homens bonitos... um ou outro. Só não tenho planos de me casar no momento, não tenho intenção de me casar nunca.
- Ah! Isso é o que você diz, mas não posso acreditar.
- Acredito que eu precisaria encontrar alguém muito mais culto e elegante do que costumo ver para me sentir tentada. [...] Prefiro estar como estou. Acredito que não tenho como ser mais feliz. Se eu me casasse, certamente me arrependeria.
- Meu Deus! É tão estranho ouvir uma mulher falar assim!
- Não tenho nenhum motivo que me levasse ao casamento. Se eu estivesse apaixonada, aí seria diferente! Mas nunca me apaixonei, não é da minha índole nem da minha natureza. Acredito que nunca me casarei! E, sem amor, tenho certeza de que seria uma tola ao trocar meu conforto por um casamento. Não preciso de fortuna nem de ocupação, muito

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H.
menos de posição na sociedade. Acredito que pouquíssimas mulheres são, verdadeiramente, donas de suas casas como eu sou de Hartfield. E nunca, jamais poderia esperar ser tão amada e tão considerada como agora sou, a favorita e a única aos olhos do meu pai (AUSTEN, 2018, p. 360-361).

Sua resolução de permanecer solteira demonstra uma priorização incomum de sua independência e prazer como mulher.

5.2.1 George Knightley

O Sr. George Knightley, um homem altamente respeitável de aproximadamente trinta e sete anos é um verdadeiro cavalheiro em linhagem, propriedade e virtude. É o filho mais velho de sua família, e por isso, herdou a Donwell Abbey, a maior e mais próspera propriedade de Highbury, o que torna o Sr. Knightley visto com grande apreço pela sociedade. O personagem serve de modelo de bom senso para o romance desde sua primeira conversa com Emma e seu pai no primeiro capítulo do livro, seu propósito, corrigir os excessos e erros daqueles ao seu redor, é claro. Ele é infalivelmente honesto, mas (tempera sua honestidade com tato e bondade.) O protagonista desempenha o papel de fornecer a avaliação correta do comportamento e valor pessoal dos outros personagens, além de entender intuitivamente e gentilmente leva em consideração os caprichos do Sr. Woodhouse, pai de Emma. Knightley usa sua inteligência para discernir a conduta moral correta. À Knightley pouco importa a inteligência por si mesma, mas valoriza o decoro e a preocupação com os outros.

Suas interações não se limitam apenas a Emma, considerando que ele também tem um bom relacionamento com outros personagens do romance, principalmente com seu irmão mais novo, John Knightley. Como uma pessoa de posses elevadas, demonstra integridade e caridade, pois usa constantemente seus recursos, seja sua posição, sua carruagem ou suas maçãs, para ajudar os outros. É simpático e protetor com as mulheres da comunidade e, acima de tudo, embora frequentemente desaprove seu comportamento, nutre um carinho especial por Emma. O personagem do Sr. George Knightley retrata que, não julgar os outros e manter uma personalidade moral elevada, é o que torna uma pessoa decente e altamente respeitável na sociedade. Além disso, sua caracterização ilustra que nem todos os homens de nobreza se preocupam apenas consigo mesmos. A maneira como Austen descreveu seu personagem foi tal que o Sr. George Knightley parece ser a pessoa perfeita, que nunca comete erros e com decisões muito bem calculadas. Esse aspecto de caracterização o faz ser um personagem estático que nunca mudou do início ao fim da história.

Além de conselheiro do Sr. Henry Woodhouse, pai de Emma, era um amigo de confiança da família Woodhouse e cunhado de Emma, já que seus irmãos eram casados. Morava a um quilômetro de Highbury e era um visitante frequente e sempre bem-vindo. Por estar intimamente ligado à família, é o único personagem que critica abertamente Emma, apontando seus erros sem hesitação, demonstrando sua dedicação ao desenvolvimento moral dela. Segundo Peter (2018), George Knightley é o principal norte e crítico de Emma. Conhecido de Emma desde que ela era criança, Mr. Knightley conhece bem a facilidade com a qual a amiga manipula e se deixa manipular, e diversas vezes a alerta sobre os possíveis fins trágicos de suas artimanhas.



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

- Querido papai! Não acredito que o senhor esteja pensando que eu falava a seu respeito, nem sequer o sr. Knightley quis dizer isso. Que ideia horrível! Ah, não! Eu me referia a mim mesma. O senhor sabe que o sr. Knightley gosta de apontar meus defeitos, sempre fazendo piadas. Nós dois sempre dizemos o que pensamos um ao outro.

De fato, o sr. Knightley era uma das poucas pessoas que podiam ver os defeitos de Emma Woodhouse e o único a apontá-los. Ainda que isso não fosse particularmente agradável a ela, sabia que, para seu pai, não era falta grave; e ele dificilmente suspeitaria que houvesse alguém que não pudesse achá-la perfeita (AUSTEN, 2018, p. 15-16).

O Sr. George Knightley ocupa um papel significativo no romance, pois ele desempenha o interesse igual e amoroso do personagem central, Emma.

5.2.2 Relacionamento amoroso em *Emma*

Ao contrário de muitas heroínas de Jane Austen, Emma Woodhouse não tem motivo nem intenção de se casar. A condição nervosa de seu pai, a morte prematura de sua mãe e o casamento de sua irmã mais velha, Isabella, deixou Emma para ser a amante de Hartfield, a propriedade, desde muito jovem. Em sua opinião, ela tem todos os benefícios do matrimônio, menos um marido que reinaria em grande parte da liberdade que ela desfruta viver com seu pai. Mas até que veja alguém muito superior a qualquer pessoa que já viu, Emma não poderia ser induzida a se casar. Sua posição em Hartfield aumenta seu senso de vaidade em relação ao seu julgamento. Emma acredita que seu julgamento é superior ao de todos os outros, exceto o do Sr. Knightley.

O Sr. Knightley sempre se preocupou com Emma. “Há uma ansiedade, uma curiosidade pelo que se sente por Emma” (AUSTEN, 2012, p. 38), diz ele. Ao contrário de todo mundo em Highbury que vê pouca ou nenhuma falha em Emma, o Sr. Knightley reconhece um senso de superioridade que a leva a acreditar que ela pode ler os desejos das pessoas e encorajá-las a agir de acordo com sua vontade. Ele decide ser a única pessoa em sua vida que não a elogia por tudo. Muito pelo contrário: ele a repreende quando é necessário. O Sr. Knightley dá sermões em Emma porque sabe que ela tem um julgamento bom e razoável que às vezes precisa ser apelado para que ela faça as escolhas certas.

Emma, em toda a obra, comete três erros principais. O primeiro ao tentar fazer de sua nova amiga Harriet, a esposa de um cavalheiro, quando a posição social de Harriet determina que ela seja mais adequada para o fazendeiro que a ama. Em seguida, o flerte com o personagem Frank Churchill. Embora não se importe com ele, seus flertes com o rapaz satisfazem sua vaidade, mas também a expõem ao constrangimento, magoam e enganam o Sr. Knightley. E mais importante, apesar de se comprometer a permanecer solteira, como ela sempre afirma, estar apaixonada e desejar se casar com o Sr. Knightley. Embora esses erros ameacem seriamente a felicidade de Harriet, causem constrangimento a Emma e criem obstáculos para que ela alcance o amor verdadeiro, nenhum deles tem consequências duradouras. Ao longo do romance, Knightley corrige e orienta Emma.

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H.

Ela estava mais envergonhada do que poderia dizer, muito mais do que deixava transparecer. Em toda a sua vida, Emma nunca se sentira tão agitada, envergonhada e entristecida. E como foi capaz de deixar o sr. Knightley sem uma palavra de gratidão, de concordância, de simples amizade. [...] A srta. Bates... oh! Não nunca mais voltaria a fazer o que fez! Se as atenções que no futuro poderia ter com ela fizessem-na esquecer do passado. Ela fora negligente e sua consciência lhe dizia isso (AUSTEN, 2018, p. 414-415).

Depois de ser repreendida pelo Sr. Knightley por insultar a personagem Srta. Bates no piquenique em Box Hill, remorso toma conta de Emma quando ela percebe a crueldade de seu comportamento. A citação acima marca o ponto em que a crescente autocompreensão de Emma, que a ajuda a sentir como ela tratou Miss Bates de maneira errada, coincide com seu crescente apego a Knightley. Este momento também é o mais emocionante de Emma no romance, e é narrado diretamente. O fato de a narrativa acessar tão diretamente o remorso de Emma ressalta sua seriedade.

George Knightley mudou a maneira de Emma perceber as coisas. Emma passou a ser cuidadosa e a mostrar respeito para com outras pessoas. Começou a entender também, que Knightley era uma boa pessoa, e seus conselhos a mudaram para sempre. E principalmente, Emma finalmente entendeu seus sentimentos verdadeiros pelo amigo e mais tarde, puderam finalmente expressar o carinho e o amor que sentiam.

-Eu não sou um homem de muitas palavras, Emma- ele resumiu, de modo bastante sincero, decidido, cheio de ternura, tanto quanto podia ser convincente. - Se eu amasse você menos, seria capaz de falar mais sobre isso, Mas você sabe como eu sou. Você não ouvirá de mim nada senão a verdade. Eu a culpei, e a repreendi e você suportou tudo como nenhuma outra mulher na Inglaterra seria capaz de suportar. Suporte agora as verdades que tenho para lhe dizer, minha querida, como sempre suportou aquelas (AUSTEN, 2018, p. 471).

O casamento de Emma e George é baseado em sentimentos desde o início do romance. George amava Emma desde quando ela era jovem. Uma vez que Austen descreve Emma como sendo uma mulher independente, possuindo toda a riqueza e respeito em Highbury, Lambdin e Lambdin (2000, p. 43) expressam sua opinião sobre o caráter de Emma e seu casamento com George dizendo: "*Emma is Jane Austen's exploration of what a eighteenth-century woman's life would be like if she had the powers and privileges of a man.*" A união de Emma é a mais satisfatória porque liga dois personagens, em última análise, bons, cujos traços de personalidade dão apoio um ao outro: Emma traz à tona a paixão subjugada do Sr. Knightley, e ele a ajuda a refinar seu bom senso. Sua união é ainda mais atraente porque, ao contrário de alguns dos casamentos que eram necessários por demandas econômicas, o destino de Emma não era inevitável.

5.3 Razão e sensibilidade: Elinor Dashwood

Elinor Dashwood morava na luxuosa propriedade de Norland com sua família até a morte de seu pai quando seu meio-irmão assume sua propriedade, deixando as mulheres Dashwood com apenas uma pequena mesada. Elas são forçadas a se mudar para uma pequena cabana no campo, onde vivem em relativa



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

pobreza. Elinor zelosamente se envolve em muitos dos passatempos adequados para mulheres da classe alta como ler, bordar e desenhar. Mas na maioria das vezes ela tem pouco tempo para hobbies. Em vez disso, ela está mais preocupada em garantir que sua família viva dentro de seu pequeno orçamento. Elinor constantemente lembra sua mãe que precisam economizar. Elinor representa o "sentido" neste romance. Com apenas dezenove anos, Elinor é descrita como possuidora de uma frieza de julgamento e força de compreensão que a qualifica para ser a conselheira frequente de sua mãe, e às vezes ela mostra mais bom senso do que sua mãe, cujo julgamento se mostra danificado por suas noções exageradas de delicadeza romântica. A mais velha das três irmãs Dashwood. Elinor exemplifica sentido, desde o título do romance.

Elinor via com preocupação a sensibilidade excessiva da irmã; já a sra. Dashwood a apreciava e a alimentava. [...] Elinor estava muito angustiada; contudo ainda podia lutar, podia empenhar-se. Podia consultar seu irmão, podia receber a cinhada em sua chegada e tratá-la com a devida atenção; podia lutar para fazer que a mãe também se esforçasse e encorajá-la a ter mais paciência (AUSTEN, 2018, p. 13).

Elinor é notavelmente altruísta e rápida em colocar as necessidades dos outros antes das suas. Seu senso lógico equilibra as sensibilidades emocionais de sua irmã Marianne. Ela é descrita como sendo prática, forte, responsável e graciosa. Muitos interpretam a personagem como insensível ou indiferente, mas Elinor sente fortemente e apenas prefere manter suas emoções sob controle e apresentar um rosto educado ao mundo. Elinor é educada e sempre tenta dizer a coisa certa quando está em companhia. Frequentemente, ela pede desculpas às pessoas por Marianne, que se preocupa menos com boas maneiras e decoro. A polidez de Elinor não reflete apenas boas maneiras, mas também uma preocupação com os sentimentos dos outros. A preocupação de Elinor com o decoro reflete sua compreensão de que a polidez oferece uma maneira de os outros se tornarem mais compreensivos com ela à medida que ela se torna mais compreensivo com eles. Ao contrário de sua irmã, a maneira de Elinor de entender o mundo é baseada na observação cuidadosa do caráter dos outros, em vez de máximas fixas ou emoção impulsiva.

Elinor mostra que nem sempre é a garota calma e controlada que parece ser. Sendo capaz de devoção profunda, ela também é capaz de amar sinceramente. Ela é descrita como tendo uma pele delicada, características regulares e uma figura incrivelmente bonita, embora menos impressionante do que Marianne, mais "correta". Elinor é uma irmã carinhosa e induz Marianne a olhar as coisas de uma maneira mais calma e sensível do que é natural para ela. Embora Austen escreva que os sentimentos de Elinor são tão apaixonados e profundos quanto os de Marianne, ela sabe como governá-los melhor, pois está mais ciente das exigências da sociedade às mulheres e mais preparada para fazer concessões.

O romance tende a descrever os acontecimentos do ponto de vista da protagonista. Discurso indireto livre é frequentemente usado por Austen para retratar o funcionamento da mente de Elinor. Austen usou o discurso indireto livre de forma a fazer o leitor prestar atenção a quaisquer afirmações no romance que fossem realmente de Elinor ou do narrador, mas no geral deixa o leitor com a impressão de

que as opiniões de Elinor são as corretas. Ao longo do romance, Elinor se submete a uma autocrítica e autodisciplina implacáveis, o que ela chama de "autocontrole", para controlar sua consciência para aceitar apenas "certos pensamentos e sentimentos".

5.3.1 Edward Ferrars

Edward Ferrars é filho da Sra. Ferrars e irmão de Fanny e Robert. Como todos os filhos da Sra. Ferrars, ele vive sob um rígido controle e depende da mãe financeiramente. Edward teve educação privada, embora não tenha sido treinado para uma profissão específica. Por isso é difícil para o protagonista cumprir as expectativas de sua mãe de alcançar o sucesso profissional. O personagem é um aristocrata tímido com um forte senso de honra. Enquanto sua mãe deseja que ele seja uma figura pública notável, Edward deseja apenas uma vida familiar tranquila e feliz. Edward não é o cavalheiro mais bonito ou sociável da sociedade londrina, mas tem um coração aberto e afetuoso. É péssimo para falar em público e muitas vezes estranha eventos sociais, mas é generoso e gentil com as pessoas de quem gosta. Acima de tudo, Edward se orgulha de ser um homem de honra. Uma vez dada, ele nunca quebraria sua palavra, mesmo se ele quisesse desesperadamente.

Edward Ferrars não se recomendava à sua boa opinião por nenhuma graça especial na aparência ou no trato. Não era bonito e suas maneiras exigiam certa intimidade para se tornarem agradáveis. Era inseguro demais para fazer justiça a si mesmo; apesar disso, quando superava sua timidez natural, seu comportamento dava todas as indicações de um coração sincero e afetuoso (AUSTEN, 2018, p. 21-22).

Ele não possui os atributos típicos de um herói: não é bonito, arrojado ou cavalheiresco. Mas é educado, refinado e respeitável. O personagem é um homem de poucas palavras e não demonstra facilmente suas emoções.

5.3.2 Relacionamento amoroso em *Razão e Sensibilidade*

A relação do casal, inicialmente, poderia muito bem ser compreendida como um jogo de interesses, assim como relata o narrador da história, visto que Edward Ferrars “era filho primogênito que morrera riquíssimo” (AUSTEN, 2018, p. 21). No entanto, Elinor estava apaixonada por Edward, apreciava seus encontros e o tempo que passavam juntos:

Edward já passara várias semanas na casa até conquistar a atenção da sra. Dashwood; ela estava tão aflita na época, que pouca atenção dava aos objetos ao seu redor. Viu apenas que ele era calado e discreto, e gostou dele por isso. Não perturbava a desolação de sua alma com conversas intempestivas (AUSTEN, 2018, p. 22).

A separação do casal ocorre quando as mulheres Dashwood sentem a necessidade de morar em outro lugar devido as suas poucas condições e recursos financeiros, logo, Elinor se vê obrigada a partir e deixá-lo. Apesar da separação e do fato da família Ferrars não apoiar o relacionamento entre eles, a protagonista ainda, secretamente, esperanças de que irão ficar juntos. A partir disso, Elinor assume um



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

outro foco dentro da narrativa, a de dar suporte para Marianne por conta de seus sofrimentos para com Willoughby.

Mediante as aflições de Marianne, Edward Ferrars faz uma visita as irmãs, no entanto, essa visita desperta diversas observações que as instigam a refletir. O primeiro tópico a ser analisado foi o jeito estranho dele agir em relação a Elinor, que compreende sua atitude como uma falta de afeto por ela.

Da parte de Edward, mais particularmente, havia uma ausência de tudo que um homem apaixonado deve parecer e dizer numa ocasião como aquela. Ele estava confuso, parecia pouco sensível ao prazer de vê-las, não parecia nem entusiasmado nem alegre, falou pouco além do que foi extraído pelas perguntas e não distinguiu Elinor com nenhum sinal de afeto.

[...] A frieza e a reserva dele a magoaram muito; estava aborrecida e um pouco irritada, mas, decidida a pautar seu comportamento com ele no passado e não no presente, evitou qualquer aparência de ressentimento ou desagrado e o tratou como devia ser tratado por seus laços de parentesco (AUSTEN, 2018, p. 96-98)

Posteriormente, Marianne repara que ele estava usando um anel que continha uma mecha de cabelo de Elinor, provando sua afeição por ela:

O olhar de Elinor cruzou com o dele e também pareceu perturbar-se. Percebeu de imediato que o cabelo era dela própria, com a mesma convicção que Marianne; a única diferença em suas conclusões era que aquilo que Marianne considerava um presente da irmã, Elinor sabia que devia ter sido obtido por alguma artimanha ou roubo que desconhecia. [...] decidiu consigo mesma aproveitar daí para frente que todas as oportunidades de ver os cabelos e se convencer, para além de qualquer dúvida, de que eles tinham exatamente a mesma cor dos seus (AUSTEN, 2018, p. 108).

Após a partida dele e, conseqüentemente, a tristeza de Elinor; Lucy Steele vai se aproximando com certa intimidade da Sra. Dashwood e conta que está compromissada com Edward há um tempo: “Estamos noivos há quatro anos [...] Conhecemo-nos, porém, há muitos anos. Ele esteve aos cuidados do meu tio, a senhorita sabe, por um bom tempo.” (AUSTEN, 2018, p. 140). Perante essa revelação, vemos Elinor cada vez mais perturbada e inquieta perante esse noivado, logo, ela resolve obter informações sobre o noivado; enquanto, Lucy pede para que ela a ajude em relação a família Ferrars. Entretanto, o noivado traz ruínas a Edward, ele é deserdado e agora não possui mais meio de se sustentar, mas, com a ajuda indireta de Elinor, ele recebe um auxílio do Coronel Brandon.

É nesse momento Edward revela seus verdadeiros sentimentos para Elinor e, pela primeira vez, vemos a personagem dominada por seus sentimentos. Diante disso, começam a planejar juntos o casamento e, nesse meio tempo, ela o encoraja a se reconciliar com sua mãe que acaba dando a ele 100 mil libras. Apesar das diversas separações e interrupções que os impedem de ficarem juntos ao decorrer do enredo, ao final da história, vem a união deles.

5.3.3 Marianne Dashwood

Dois anos mais jovem que Elinor, Marianne Dashwood é jovem, impetuosa e totalmente imersa em ideais românticos. Passou a viver com sua mãe e

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H.

suas irmãs fora de Norland Park depois que seu pai faleceu. O último desejo do Sr. Dashwood era que seu filho, John, cuidasse de sua segunda esposa e três filhas, Elinor, Marianne e Margaret. Mas John foi persuadido por sua esposa gananciosa e egoísta, Fanny, a ir contra os desejos de seu pai. John e Fanny assumem Norland Park e as mulheres Dashwood são forçadas a procurar moradia em outro lugar. Sua figura, embora não seja tão correta quanto a de Elinor, é mais impressionante; seu rosto é descrito como lindo e suas feições são todas boas; seu sorriso é doce e atraente e em seus olhos há uma vida, um espírito e uma ansiedade que encham de deleite o leitor. Assim, Marianne pode ser fisicamente descrita como uma garota atraente e encantadora. A heroína adora se expressar e canaliza suas emoções em tudo o que faz. Ela toca música e recita prosa com paixão.

Elinor via com preocupação a sensibilidade excessiva da irmã; já a sra. Dashwood a apreciava e alimentava. Encorajavam-se uma à outra na violência de suas ansiedades. A agonia e a aflição que no começo as subjugavam eram propositadamente renovadas, procuradas, recriadas sempre. Entregavam-se totalmente à angústia, procurando a maior infelicidade em cada reflexão que pudesse proporcionar e decidiram-se a nunca aceitar nenhum tipo de consolação no futuro (AUSTEN, 2018, p. 13).

Ela não tem o bom senso e a discrição de Elinor, preferindo expressar exatamente o que sente e não reter nada além de fazer poucas tentativas de ser educada ou mascarar seus sentimentos de desprezo por aquelas pessoas de quem não gosta. Impulsiva, emocional e idealista, Marianne Dashwood é o oposto de sua irmã mais sensata, Elinor. Não há nada que Marianne ame mais do que a própria ideia do amor e por isso é suscetível a sentimentos excessivos. O contraste entre as duas irmãs, como afirma a própria romancista no início, é a característica mais notável deste romance. Enquanto Elinor exemplifica o bom senso, Marianne simboliza a sensibilidade. A personagem é uma versão mais jovem de sua mãe romântica, egoísta e não muito inteligente, é a pessoa emocional e expressiva que se define como representante da “sensibilidade” do livro. No início de Razão e sensibilidade, Marianne é uma moça bonita de dezesseis anos que está dominada por expectativas românticas em relação ao jovem e atraente Sr. Willoughby.

Ao longo do romance, a personagem de Marianne experimenta um desenvolvimento significativo e muda suas características. O ponto decisivo é o momento em que ela sofre de uma doença e o período de recuperação. Assim, a garota se torna mais esperta e razoável, aprendendo que seu comportamento anterior era inadequado. Agora, ela quer ser mais como Elinor, sua irmã mais velha, e passa a se espelhar nela.

5.3.4 John Willoughby

John Willoughby é o jovem homem que serve como interesse romântico inicial de Marianne Dashwood. Sendo descrito como detentor de uma “beleza varonil”, Willoughby rapidamente atrai o interesse de Marianne e demonstra que poderia corresponder tal interesse, o que contribui para a confusão e melancolia da mulher quando ele anuncia que irá viajar até Londres a mando da Sra. Smith.

Mais à frente na história, Marianne reencontra seu interesse romântico em Londres, mas fica desapontada quando ele a rejeita e mais tarde a envia uma



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

carta, em que nega ter possuído quaisquer sentimentos por ela. Posteriormente, é revelado que Willoughby estava prestes a se casar com Sophia Grey, uma rica mulher descrita como inteligente e estilosa, porém não bela.

O principal propósito de Willoughby no livro é servir como matriz dos conflitos de Marianne, que projeta nele a ideia de um par ideal que resultaria em um relacionamento perfeito. Com as ações do personagem, Marianne enfrenta as consequências de sua falta de controle em sua sensibilidade, tornando o personagem extremamente importante para o arco de personagem da mulher e, conseqüentemente, para a temática do livro como um todo.

5.3.5 Coronel Brandon

Para cada personagem do livro *Razão e Sensibilidade*, há uma visão diferente a respeito do Coronel Brandon. Segunda a visão de Elinor Dashwood, o Coronel é um amigo fiel e prestativo; para a Sra. Jennings, ele é um solteiro elegível para quem ela deve encontrar uma esposa; para a Sra. Dashwood, ele é um homem nobre que seria um excelente marido para sua filha. Para Marianne, no entanto, ele é idoso e pouco romântico. Um personagem que o leitor conhece no momento em que as irmãs Dashwood o conheceram em Barton Park, Brandon é um solteiro de 35 anos que já se apaixonou uma vez por uma mulher chamada Eliza, casada contra sua vontade com o irmão de Brandon. Ao longo da narração, ele é descrito como um homem que prefere ficar em silêncio em vez de falar com as pessoas.

O Coronel Brandon é um cavalheiro de boas maneiras que parece ser um amigo confiável. Além disso, devido ao seu status e qualidades pessoais excepcionais, o personagem é um solteiro elegível. Ao mesmo tempo que sempre se comporta com dignidade e honra, cumpre suas promessas. Ele admiravelmente cumpre sua promessa a seu amor perdido, Eliza, e cria seu filho. Na vida social e no namoro, o Coronel pode ser considerado um personagem desinteressante. Ao contrário do pretendente romântico tradicional, o Coronel é melancólico, taciturno, cancela expedições e intromete-se em momentos inconvenientes.

5.3.6 Relacionamento amoroso em *Razão e Sensibilidade*

Dois homens entram na vida de Marianne. O primeiro homem que ela conhece é o Coronel Brandon que a ama profundamente e cuidadosamente. O segundo é John Willoughby, que ela ama freneticamente. Ao enfrentar Brandon e Willoughby, a heroína precisa lidar e escolher entre a razão e a sensibilidade. Quando a Sra. Dashwood fala sobre o Coronel Brandon, Marianne, em suas opiniões infantis, insiste que este cavalheiro é muito velho para ter o direito de perseguir sua felicidade.

No capítulo sete, há algumas descrições sobre a aparência do Coronel Brandon. Comparado com Willoughby, ele não é atraente. Marianne dá preferência a homens ativos e jovens, portanto ignora os pontos brilhantes de Brandon. Há muitos elementos românticos no pensamento de Marianne, ela se preocupa com a aparência bonita em vez de beleza interior e prefere a vida livre e fácil. Como consequência, Marianne escolhe Willoughby, que é um homem bonito e romântico.

Willoughby é um amante ideal aos olhos de Marianne. Ela o ama extremamente. Quando o personagem a viu pela primeira vez, ficou profundamente atraído pela jovem heroína. O coração da protagonista é tocado pela beleza e

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H.

entusiasmo deles. Marianne e Willoughby logo descobrem que têm muitas semelhanças impressionantes e Marianne insiste que Willoughby é seu amante dos sonhos. É nesse momento que a garota pura e ingênua perde sua própria direção no amor. Neste momento, a sensibilidade conquista completamente seus sentidos há muitas diferenças entre o Coronel Brandon e John Willoughby. Os personagens são o contraste um do outro. Marianne é uma garota romântica, ela gosta de algo novo e fresco, odeia as doutrinas tradicionais. Claramente Willoughby é o marido ideal na visão da personagem, portanto suas atitudes em relação ao Coronel Brandon e Willoughby são diferentes.

O ponto de virada do romance é a saída de Willoughby, quando ele diz que precisa ir a Londres. Este enredo sugere que há alguns problemas em seu amor. Marianne, ao ter de enfrentar a partida do amado, é dominada por enorme tristeza, e a partir desse momento entra em estado de depressão. Passa a tocar músicas que a faziam lembrar de Willoughby, sempre tem ilusões com o personagem e acredita que eles podem se encontrar novamente. É somente quando o vilão escreve para Marianne e diz que firmará compromisso com a Srta. Gray, que as expectativas da garota se transformam em desespero. Ao analisar o enredo, percebe-se a confiança excessiva da protagonista para com o seu amado, o que faz com que Marianne dependa de Willoughby para ver claramente a direção de seus sentimentos.

Ela começa a encontrar as vantagens do Coronel Brandon e fala com ele voluntariamente. Aos poucos, ela vê através de Willoughby e sente muito pelo Coronel Brandon. Então, ela não ignora mais a bondade deste cavalheiro e tenta o seu melhor para fazer amizade com ele. É neste momento, ao ver o sofrimento de sua amada, que o Coronel Brandon decide contar tudo o que já sabia de antemão sobre Willoughby. Quando Marianne ouve sobre a notícia, ela apenas derrama lágrimas e não diz nada a respeito. Sua decepção, porém, a faz enxergar Coronel Brando com olhos mais ternos. Começa a perceber as virtudes do Coronel Brandon e fala com ele voluntariamente. Aos poucos, a personagem passa a ver através de Willoughby e seus sentimentos por Coronel Brandon finalmente ganham lugar.

5.3.7 A quebra de conceitos de Marianne Dashwood

No romance *Razão e Sensibilidade* (1811), Jane Austen nos apresenta a sensível personagem, Marianne Dashwood: “[...] Era sensível e inteligente, mas intensa em tudo: suas angústias, suas alegrias não tinham limites. Era generosa, agradável, interessante: era tudo, menos prudente.” (AUSTEN, 2018, p. 12). A partir disso, é apresentado a visão do par ideal para a protagonista, na qual busca um homem que compartilha dos mesmos interesses e conhecimentos pelas diversas artes, bem como possuir inteligência e sensibilidade o bastante para tocar-se perante seus sentimentos, pela música, literatura e afins:

- [...] Para me satisfazer, essas características têm de vir juntas. Eu não poderia ser feliz com um homem cujo gosto não coincidissem em tudo com o meu. Ele tem de entrar em todos os meus sentimentos; os mesmos livros, a mesma música devem encontrar-nos. Ah, mamãe, como era desanimado e insípido o jeito de Edward ao ler para nós a noite passada! Senti muito por minha irmã. [...] (AUSTEN, 2018, p. 24).



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

Posteriormente, ocorre à aparição de Willoughby que representa e atinge todos os anseios que Marianne desejara em um homem e, conforme vão se encontrando e se aproximando, há o despertar do amor por ele. Mediante essa excessiva sensibilidade, ocorre a separação do casal, visto que Willoughby não retorna de Londres e deixa de responder as cartas enviadas por ela. Nota-se que o amor de Marianne para com Willoughby é pautado na intensidade, no entanto, Austen, através da excessiva sensibilidade da protagonista, tem o intuito de mostrar ao leitor os maus resultados consequentes do desequilíbrio entre amor e razão.

Esse amor arrebatador e doloroso, em vários momentos, faz a personagem questionar aspectos que até então eram imutáveis na sua concepção, desse modo, o auge das reflexões ocorrem no momento que ela se encontra cada vez mais doente e fraca. Diferentemente das outras personagens, a felicidade de Marianne não dependia de outra alternativa a não ser iniciar um processo interno de reconstrução e mudanças de seus hábitos, tanto emocionalmente quanto racionalmente; ao descobrir que o seu amor se casou com outra mulher em favor ao dinheiro, Marianne entende que “o amor também deve ser em parte racional” (BIGUELINI, 2009, p. 44).

Mediante todos os resultados que essa breve relação trouxe à personagem e a união entre Marianne e Brandon; notamos que a protagonista o escolheu devido a segurança que ele passara, evitando, desse modo, outra decepção. Com o desenrolar do enredo, vemos o desprezo dela por o considerar velho demais e ser incapaz de amar; no entanto, Sr. Dashwood se mostra a favor dessa união pois, além dele ter passado por um sofrimento no passado, o caráter e afeto dele por ela era totalmente diferente de Willoughby.

- E o jeito dele, o jeito do coronel, não só sempre foi mais agradável para mim do que o de Willoughby, como também é um tipo que eu sei ser capaz de atrair Marianne com muita força. Sua gentileza, sua autêntica atenção com os outros e sua simplicidade masculinamente espontânea afina-se muito mais vezes artificial e extemporânea do outro. Tenho absoluta certeza de que, se Willoughby se tivesse revelado tão amável como se mostrou o contrário disso, mesmo assim Marianne jamais teria sido tão feliz com ele como será com o coronel Brandon (AUSTEN, 2018, p. 353-354).

Em suma, Jane Austen atribuiu um final diferente para Marianne Dashwood em relação às suas outras heroínas. Em contrapartida às outras protagonistas, Marianne conheceu o amor e entregou-se, no entanto, não pode viver essa relação como quisera e, para alcançar a felicidade que merecera, precisou passar por diversos sofrimentos para que assim percebesse a necessidade de refletir sobre suas concepções acerca das relações amorosas. Logo, encontrou no homem que tanto rejeitava, a segurança.

6 Os finais que Austen não viveu

Ao decorrer de sua vida, Austen (1775-1817) se dedicou à literatura, na qual abordava diversas temáticas que faziam parte das famílias rurais e da sociedade inglesa em questão. No entanto, diferentemente das relações e vivências amorosas atribuídas às suas protagonistas, a romancista, por ironia, não viveu as

mesmas experiências que escrevera para suas heroínas, dado ao fato de sua relação com Thomas Langlois Lefroy resultar em apenas um breve encontro em meio as festividades e, posteriormente, em inspirações para a construção de personagens.

Nos livros, *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Emma* (1815), é notado que a autora segue um padrão em relação aos finais desses enredos, isto é, apesar das diferentes personalidades e classes sociais, as personagens ao decorrer da história passam por adversidades tanto sociais quanto culturais que, em alguns casos, interferem no relacionamento; no entanto, os casais permanecem juntos e casam em favor ao amor, havendo, desse modo, a predominância dos ‘finais felizes’. Assim, têm-se as caracterizações e as relevantes marcações atemporais dos cenários que, além de serem panos de fundo para os desfechos, influenciam no desenvolvimento dos romances e, conseqüentemente, tais finais.

[...] o retrato de tantas personagens inesquecíveis, tudo acompanhado pelo som da música dos bailes e das festas, amarfanhado nas pregas dos vestidos ou na poeira dos caminhos, atordoado nas deslocções pelas estradas de Inglaterra, no caos do tempo e das paixões, mas destinado a uma harmonia final e longamente desejada (VASCONCELOS apud LUCAS, 2017, p. 1).

Contraditoriamente, Jane Austen, durante sua vida, não viveu o mesmo ‘final feliz’ que escrevera: um casamento por amor. No entanto, mesmo sem ter se casado, a autora discorre sobre o amor, bem como a construção amorosa desses relacionamentos; atribuindo, desse modo, destinos com predisposição à felicidade.

Em *Razão e Sensibilidade*, Elinor e Marianne Dashwood, ao decorrer da história passam por diversas dificuldades com seus respectivos amados. No entanto, ao final do livro vemos tanto Elinor quanto Marianne acompanhadas e casadas. “Para muitos, Marianne é a única personagem que Austen puniu ao não encontrar uma alternativa para sua felicidade que não fosse ser domá-la e mudá-la.” (PAIXÃO, 2020, p. 1); apesar de Marianne não ter terminado com Willoughby, homem que despertou todo seu amor e sensibilidade, ao final, é apresentada uma mulher com sensibilidade equilibrada e com sentimentos controlados que, apesar de todos os sofrimentos e doenças geradas por quem a abandonou, aprende a amar uma pessoa mais velha e de personalidade oposta.

Marianne Dashwood nascera para um destino extraordinário. Nascera para descobrir a falsidade de suas próprias opiniões e para contrariar com sua conduta suas máximas mais queridas. Nascera para superar um amor formado aos dezessete anos de idade, e, com um sentimento não superior à forte estima e à intensa amizade, dar voluntariamente a sua mão a outro homem! E que outro, um homem que não sofrera menos do que ela sob um primeiro amor, que, dois anos antes, ela considerara velho demais para se casar e que ainda por cima buscava proteger a saúde com uma camiseta de flanela! (AUSTEN, 2018, p. 396-397).

Conforme Biguelini (2009), o amor, para Austen, consiste em diversos aspectos que devem nascer e ser cultivados de forma conjunta e igualitária, dentre esses pontos estão presentes: a companhia harmoniosa, a dependência e a confiança em ambos. Logo, o amor é um sentimento que necessita da união e do



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

equilíbrio entre a razão e a sensibilidade; portanto, a intensidade de um ou de outro resulta em ruína.

Quanto a *Orgulho e Preconceito*, o amor entre Elizabeth Bennet e Sr. Darcy gira em torno entre suas próprias presunções: orgulho e vaidade; além de, a todo momento, Elizabeth receber influências externas por parte de sua mãe para casar-se. Mediante esses conflitos e intervenções, vemos uma mulher de personalidade forte que impõe suas vontades e desejos perante uma sociedade que não a considera ativa, bem como independente, alegre e inteligente, na qual acredita que a liberdade da mulher deve ir além do casamento.

Apesar de suas heroínas apresentarem fortes características, Austen, também, atribui a elas “defeitos” que, ao final do livro, lhes ensinaram sobre suas atitudes morais e sentimentais. Do mesmo modo que a excessiva sensibilidade de Marianne Dashwood resultou em consequências negativas, o julgamento de Elizabeth Bennet para com Sr. Darcy teve o mesmo propósito: suas falsas convicções sobre ele alteraram e moldaram tanto o comportamento dela quanto o caráter dele, resultados esses advindos do pré-conceito de Elizabeth; tal como a vaidade de Darcy perante as pessoas, passando uma visão de arrogância e superioridade. No entanto, ao perceber estar apaixonado pela protagonista, Sr. Darcy escreve uma carta explicando os motivos das suas ações por de trás dos fatos que, até então, apenas ele sabia:

Se Elizabeth, quando sr. Darcy lhe entregou a carta, não esperava que nela ele renovasse as suas propostas, não alimentara nenhuma expectativa sobre o teor dela. Mas, dada a natureza do conteúdo, não é difícil imaginar com que impaciência ela a leu e quantas emoções contraditórias aquela carta provocou. Enquanto lia, seus sentimentos eram indefiníveis (AUSTEN, 2018, p. 229).

Mediante disso, temos o início do romance e, conseqüentemente, o matrimônio. A partir disso, podemos salientar, novamente, como Jane Austen atribui as suas personagens um final satisfatório e harmonioso, pois apesar das diversas adversidades e até do julgamento interno, acabam tendo um final feliz. Também, como o “defeito” da protagonista é usado como lição de moral para suas atitudes.

Tal lição de moral é vista de maneira clara e pertinente, não somente por Austen mas, também, pelo par romântico da personagem, Sr. Knightley, na obra *Emma*. “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre” (AUSTEN, 2012, p. 11), é a protagonista que mais se distingue dentro dos romances a serem analisados, apesar de receber o mesmo final agradável. O relacionamento entre Emma e Sr. Knightley recebe clareza nos capítulos finais do livro, mas ao decorrer do enredo, nos é dado indícios sobre o destino do casal. Diferentemente das outras protagonistas, Emma transita entre uma anti-heroína e heroína no romance, já que, apresenta inicialmente características de uma anti-heroína, principalmente, por conta da relação dela com Harriet; no entanto, vemos uma constante evolução da personagem por conta de Sr. Knightley, tendo em vista de que ele a confronta apontando seus erros. (JORDÁN; KEARNS, 2018).

Desse modo, novamente, temos a presença de um ensinamento moral, no qual Emma sofre as consequências de suas próprias atitudes, pois depois de moçar sua amiga Harriet com duas tentativas de relacionamentos fracassados por

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H.

visar o dinheiro, Emma descobre que Harriet tem o mesmo interesse por Sr. Knightley. Diante disso, tem-se a comprovação de que os sentimentos de Emma são correspondidos, portanto, terminam juntos como os demais.

– Não sei fazer discursos, Emma – ele logo recomeçou, num tom de sincera e decidida ternura, que foi bastante convincente. – Se eu a amasse menos, poderia ser capaz de dizer mais sobre isso. Mas você sabe como eu sou, não vai ouvir de mim senão a verdade. Eu a culpei e a repreendi, e você suportou isso como nenhuma mulher na Inglaterra teria feito. Peço que suporte as verdades que vou lhe dizer agora, querida Emma, tão bem como suportou as outras. O modo como vou dizer, talvez, faça pouco por recomendá-las. Deus sabe que tenho sido um apaixonado muito indiferente. Mas você me entende... Sim, veja, você entende meus sentimentos... e irá retribuí-los, se puder. No momento desejo apenas ouvir sua voz, pelo menos uma vez.

Enquanto ele falava a mente de Emma estava trabalhando depressa e, graças à espantosa velocidade de seu pensamento, sem perder uma palavra, foi capaz de ouvir e compreender exatamente o sentido do que ele dizia. Foi capaz de ver que as esperanças de Harriet eram inteiramente infundadas, um erro, uma ilusão, uma completa ilusão como qualquer uma das suas... Que Harriet não representava nada, e que ela era tudo! Compreendeu que o que havia dito em relação à Harriet foi entendido como a linguagem de seus próprios sentimentos [...] (AUSTEN, 2012, p. 349).

Correlacionados, tanto o final dado as suas protagonistas quanto as vivências de Jane Austen, concluímos que ela atribui a felicidade as suas personagens por meio do casamento com seus amores. Dessa maneira, “Para Jane Austen, casar-se — ou melhor, apaixonar-se — é a conversão de ‘rir de’ em ‘rir com’, desde que cada amante, equilibrando o outro, ria igualmente do outro, criando uma nova forma de riso, espécie de gargalhada igual.” (WOOD apud LUCAS, 2017, p.1).

Apesar de Austen nunca ter se casado e vivido o mesmo amor que suas personagens, vemos a riqueza, a força e a coragem de uma mulher e escritora revolucionária, pela diversidade de temas, sendo transmitidas para as personagens femininas imperfeitas e comuns: seja por meio de atitudes perante uma sociedade que as rebaixam ao ponto de controlar seus sonhos, desejos e vontades ou por lutarem bravamente por seus amores e valores.

6.1 A realidade da mulher do séc. XIX: um contraponto à idealização amorosa

Certo ponto de *Orgulho e Preconceito* (1813) que tende a ser passado despercebido é também evidência da maturidade e competência da autora ao trabalhar com certas temáticas em suas obras. Esse ponto se trata do papel da personagem Charlotte Lucas, amiga de Elizabeth que eventualmente se casa com seu antigo pretendente, Mr. Collins, levando a protagonista a refletir acerca da visão que sua amiga possuía sobre os propósitos do casamento e se questionar se tal amiga poderia ser feliz com sua decisão.

Ela sempre notara que a opinião de Charlotte acerca do casamento não era exatamente a sua, mas nunca imaginara que fosse possível que, quando solicitada, ela sacrificasse todos os melhores sentimentos em favor de vantagens mundanas. Charlotte como esposa do sr. Collins era uma cena muito humilhante! E à dor de ver uma amiga rebaixar-se e cair em sua estima somava-se a dolorosa convicção de que era impossível que a amiga



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen
fosse razoavelmente feliz com o destino que escolhera (AUSTEN, 2018, p. 145).

A reação de Elizabeth é consistente com um dos traços mais importantes da personagem, que é sua convicção em considerar o laço matrimonial não como meio a ser aproveitado, mas sim como prova genuína de amor. Apesar de ser uma ideia que o leitor pode facilmente concordar, é inegável que a visão do casamento como mera ferramenta é real (principalmente para a época do livro), assim tornando justificável e realista que alguém como Elizabeth teria tal convicção em se opor à essa visão. Porém, é através de Charlotte que temos uma abordagem também realista sobre a justificação àquilo que a protagonista se opõe, visto que a personagem não é de maneira alguma uma figura de antagonismo, mas contrapõe diretamente um ideal tão fundamental ao de Elizabeth.

– Para agradar a você, eu estaria disposta a acreditar em quase tudo, mas ninguém mais poderia acreditar em algo assim; pois, mesmo que eu estivesse convencida de que alguém como Charlotte sente algum amor por ele, eu teria de ter uma opinião ainda pior sobre a inteligência dela do que a que agora tenho sobre o seu coração. Jane, querida, o sr. Collins é um homem presunçoso, pomposo, obtuso e idiota; você sabe que é verdade, tanto quanto eu; e deve perceber, tanto quanto eu, que a mulher que se casar com ele não pode raciocinar corretamente. Não a defenda, mesmo que seja a Charlotte Lucas. Não mude, em proveito de um único indivíduo, o significado dos princípios e da integridade, nem tente convencer a si mesma ou a mim de que o egoísmo é prudência e insensibilidade ao perigo é penhor de felicidade (AUSTEN, 2018, p. 153-154).

Ao ser inserida de tal forma na história, a personagem de Charlotte estabelece que, por mais que o idealismo da protagonista tivesse a vantagem na posição de elevação moral, nem todos poderiam dar-se ao luxo de seguir fielmente tal idealismo sem se preocupar com as consequências. Por mais que Elizabeth estivesse certa em sua visão sobre o casamento, era impossível negar que Charlotte seria feliz com seu casamento “sem amor”, assim contrapondo de maneira madura um ideal tão importante sem apontá-lo como completamente equivocado. Pode-se interpretar isso como a necessidade da autora em se negar à construir, em seu livro, um mundo de moralidade simples e livre de questões difíceis, em seu lugar criando um mundo verossímil e com as dificuldades que se encontraria fora da ficção.

7 Considerações finais

Jane Austen foi uma escritora revolucionária e a frente de seu tempo. Nascida na Inglaterra, em Steventon, a autora vivia em uma época em que as mulheres eram oprimidas e buscavam a ascensão social para que houvesse um papel ativo dentro da sociedade, e o único modo de alcançar tal ascensão era através do casamento. No entanto, Austen diferentemente das mulheres de sua época, conseguiu ascender socialmente por meio da literatura e do apoio de seu pai. Foi visto que a autora nunca viveu o amor romântico como suas personagens, já que a sua relação com Tom Lefroy não passou de algo breve. Portanto, a escritora nunca se casou.

Através do desenvolvimento deste estudo, foi possível conhecer a vida e obra dessa escritora mundialmente conhecida por suas obras, bem como reconhecer o quão importante e revolucionário esses romances foram tanto para as mulheres da época quanto para as de hoje em dia; além de Austen ser uma representação da força feminina. Diante disso, foi possível analisar-se tanto o contexto histórico quanto a narrativa de três obras da autora Jane Austen, sendo estas: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Emma* (1815).

Por meio desses romances, foi possível fazer uma análise acerca da diversidade de temas, assim como dos personagens: Marianne e Elinor Dashwood, Elizabeth Bennet e Emma Woodhouse; posteriormente, seus pares românticos: John Willoughby e Coronel Brandon; Edward Ferrars; Fitzwilliam Darcy e George Knightley, que, com seus respectivos papéis, formam e desenvolvem a construção de tais aspectos no decurso dos enredos. Sendo Jane Austen uma renomada romancista que inovou a literatura com seus livros, e que já foi analisada em uma variedade de perspectivas através de vários estudos acadêmicos na história, é importante trazer algumas de suas obras à tona para uma discussão aprofundada, para que haja uma maior compreensão em relação aos objetivos propostos por Austen em cada uma delas. Com isso, por meio deste estudo foi possível obter um maior domínio sobre o papel da escritora na história, assim como compreender os motivos para suas obras terem tal reconhecimento.

Posteriormente, foi capaz de notar a temática amorosa que envolve esses vários assuntos que servem de pano de fundo para o desenvolvimento dos conflitos e, em seguida, o desenrolar das histórias até chegarem, de fato, aos finais atribuídos às heroínas. As trajetórias dessas protagonistas são marcadas por conflitos tanto internos quanto externos, logo, é notório a diversidade de personalidades, características, experiências e vivências nas protagonistas de Austen que, curiosamente, são resultados e reflexos do que ela presenciou e viveu em vida.

Ao final da análise realizada nesta pesquisa, podemos perceber, de maneira clara, a dedicação de Austen em abordar temas sociais de grande polêmica não pela direção fácil, mas com personagens, em sua maioria, tridimensionais e criados cuidadosamente para adicionar à mensagem fundamental de seus respectivos livros. Assim, é visível a preocupação da autora não apenas na consistência de qualidade em suas histórias, mas também na coerência daquilo que ela deseja transmitir ao leitor.

Referências

AUSTEN, Jane. *Razão e sensibilidade*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2018.

_____. *Orgulho e preconceito*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2018.

_____. *Orgulho e preconceito*. Tradução de Marcella Furtado. edição especial. São Paulo: LandMark, 2012



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

_____. *Emma*: a novel in three volumes. Le Livros. Tradução de Doris Goettems. Edição Bilíngue. São Paulo: Landmark, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Desktop/EMMA%20-%20Jane%20Austen.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.

_____. *Emma*. Tradução de Adriana Sales Zardini. 2.ed. São Paulo: Martin Claret, 2018.

BABB, Howard S. *Jane Austen's novels: the fabric of dialogue*. Columbus: Ohio State University Press, 1962. Disponível em: <https://ohiostatepress.org/books/Complete%20PDFs/Babb%20Jane/Babb%20Jane.htm>. Acesso em: 26 set. 2020.

BAHIANA, Ana Maria. *Em 'Becoming Jane', Anne Hathaway brilha na pele de Jane Austen*. G1, 2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL83553-7086,00.html>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BLACKWELL, Bonnie. *Jane Austen: the critical reception*. Pasadena: Salem Press, 2009. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/193489022/Austen-Critical-Insights>. Acesso em: 02 maio 2020.

BIGUELINI, Elen. *O triunfo do casamento por amor: Jane Austen e o matrimônio*. 2009. Monografia (História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

BURGESS, Anthony. Os românticos. In: _____. *A literatura inglesa*. Tradução de Duda Machado. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006. cap.17, p. 196-212.

CCAA, The research and planning department: the development of the novel. In: _____. *A brief view of British Literature*. Brasil: Waldyr Lima, (S. D). cap. 7, p. 54-61.

CASCONE, Sarah. *Jane Austen's letter coolly dissing another novelist fetches over \$200,000 at Sotheby's*. Artnet News, 2017. Disponível em: <https://news.artnet.com/market/jane-austen-letter-sothebys-1019798>. Acesso em: 29 ago. 2020.

CENTRE, Jane Austen. *Who was the real Tom Lefroy*. Jane Austen: Celebrating Bath's most famous resident, 2011. Disponível em: <https://janeausten.co.uk/blogs/the-austen-family/who-was-the-real-tom-lefroy>. Acesso em: 29 ago. 2020.

FORBES. *Carta de Jane Austen com críticas à autora "prosaica" vai a leilão*. Forbes, 2017. Disponível em: <https://forbes.com.br/colunas/2017/07/carta-de-jane-austen-com-criticas-a-autora-prosaica-vai-a-leilao/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

NUNES, A. L. P.; MACHADO, G. S.; ALCÂNTARA, M. S.; LOPES, F. H. FURTADO, Marcella. Jane Austen. In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. São Paulo: Landmark, 2012. cap. 55. p. 393-401.

GREENE, Donald Johnson. Jane Austen and the peerage. In: WATT, Ian (ed.). *Jane Austen: a collection of critical essays*. London: Prentice Hall International, 1986. Disponível em: [file:///C:/Users/alcan/Downloads/385-Texto%20do%20artigo-800-1-10-20180215%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/alcan/Downloads/385-Texto%20do%20artigo-800-1-10-20180215%20(1).pdf) Acesso em: 28 abril 2020.

GOMES, Anderson Soares. Mulheres, sociedade e iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII, Rio de Janeiro, v. 18, n. 29, p. 1-21, jul./dez. 2011, *Matraga*. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/26059-82691-1-SM.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.

HODGES, Horace Jeffery. Darcy's ardent love and resentful temper in *Pride and prejudice*. *Persuasions On-Line* [online], vol. 30, n. 1, 2009, sem paginação. Disponível em: <http://jasna.org/persuasions/on-line/vol30no1/hodges.html>. Acesso em: 12 set. 2020.

JORDÁN, Miguel Ángel; KEARNS, Sarah Rose. Emma Woodhouse: heroine or antiheroine?. *Research Journal of English Language and Literature (RJELAL)*, Índia, v. 6, n. 4, p. 1-15, out. 2018. Disponível em: <http://www.rjelal.com/6.4.18/238-252%20Miguel.pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.

KROEBER, Karl. *Jane Austen as an historical novelist: sense and sensibility*. Jane Austen Society of North America: *Persuasions On-Line*, 1990. Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/printed/number12/kroeber.htm>. Acesso em: 29 ago. 2020.

LAMBDIN, C; LAMBDIN, R.T. *A companion to Jane Austen studies*. Westport, Connecticut, London: GREENWOOD PRESS. Disponível em: <https://archive.org/details/companiontojanea00lamb/page/n9/mode/2up>. Acesso em: 27 ago. 2020.

LOBATO, Sâmia Elene. Jane Austen: a mulher diante do casamento na sociedade inglesa do século XVIII, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p.1-12, jul. 2018. *Traduzir-se*. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/84-296-1-PB.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.

LUCAS, Isabel. *Jane Austen e a "predisposição para a felicidade"*. Ípsilon, 2017. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/07/18/culturaipsilon/noticia/jane-austen-e-a-predisposicao-para-a-felicidade-1779435>. Acesso em: 17 set. 2020.

MELVILLE, Jean. Dados biográficos – Jane Austen. In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. São Paulo: Martin Claret, 2006. Disponível em: [file:///C:/Users/alcan/Downloads/385-Texto%20do%20artigo-800-1-10-20180215%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/alcan/Downloads/385-Texto%20do%20artigo-800-1-10-20180215%20(1).pdf) Acesso em: 28 abril 2020.

MOREIRA, Isabela. *Jane Austen: 11 fatos que você precisa saber sobre a escritora*. Revista Galileu, 2017. Disponível em:

[Digite texto]



ENTRE O ORGULHO, A RAZÃO E O DESEJO: uma trajetória em torno dos amores de Jane Austen

<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/07/jane-austen-11-fatos-que-voce-precisa-saber-sobre-escritora.html>. Acesso em: 30 maio 2020.

MUDRICK, Marvin. *Irony as Form: Emma*. Copyright 1952, by Princeton University Press London: Geoffrey Cumberlege, Oxford University Press. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=inu.32000005303989&view=1up&seq=38>. Acesso em: 27 ago. 2020.

MUSSE, Ricardo. Jane Austen: a romancista pioneira. **Cadernos EntreLivros**, São Paulo, n. 1, p.41.

NASCIMENTO, Sandra Mônica do. *Uma leitura política dos casamentos no romance Orgulho e preconceito (1813) de Jane Austen*. Yumpu, 2012. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/49023165/uma-leitura-politica-dos-casamentos-no-romance-orgulho-e->. Acesso em: 08 ago. 2020.

PACHECO, Maria Regina; SOUZA, Fernandes Ferreira de. A representação da voz feminina nas personagens centrais de Austen em Emma e Orgulho e Preconceito. *Revista Avepalavra*. ed. 11, 2011. Disponível em: https://revista.unemat.br/avepalavra/EDICOES/11/artigos/Jane_Austen_Voz_Femini na.pdf. Acesso em: 27 ago. 2020.

PAIXÃO, Ana Claudia. *A imortalidade das heroínas de Jane Austen*. Claudia, 2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/blog/ana-claudia-paixao-hollywood-cinema-series/a-imortalidade-das-heroinas-de-jane-austen/>. Acesso em: 17 set. 2020.

PETER, Bianca. *Emma Woodhouse: a heroína não-convencional de Jane Austen*. 2018. Disponível em: <http://notaterapia.com.br/2018/01/05/emma-woodhouse-heroína-nao-convencional-de-jane-austen/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

PIRNIA, Garin. *7 facts about Thomas Lefroy, the real-life inspiration for Pride and prejudice's Mr. Darcy*. Mental Floss, 2019. Disponível em: <https://www.mentalfloss.com/article/592624/thomas-lefroy-mr-darcy-inspiration-facts>. Acesso em: 29 de ago. 2020.

RAMOS, Beatriz Rodrigues. A instituição familiar em Razão e sensibilidade. *LITERAUSTEN: Jane Austen Sociedade do Brasil*, Minas Gerais, v.5, n.5, p.27-35, 2019. Disponível em: <https://janeaustenbrasil.files.wordpress.com/2019/12/literausten-nucc81mero-05-2019.pdf>. Acesso em: 29 de ago. 2020.

RAY, Joan Klingel. *The one-sided romance of Jane Austen and Tom Lefroy*. Jane Austen Society of North America: Persuasions On-Line, 2007. Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol28no1/ray.htm>. Acesso em: 29 ago. 2020.

REEF, Catherine. *Jane Austen: uma vida revelada*. Trad. Katia Hanna. Barueri: Novo Século, 2014.

SALLABERRY, Raquel. *Cartas sobre o romance*. Jane Austen em Português, 2018. Disponível em: <https://www.janeausten.com.br/cartas-sobre-o-romance/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

SALES, Adriana dos Santos. Jane Austen circulando no Brasil no século XIX. *LITERAUSTEN: Jane Austen Sociedade do Brasil*, Minas Gerais, v. 2, n. 2, p. 10-19, 2017. Disponível em: <https://janeaustenbrasil.files.wordpress.com/2018/04/literaustennumero02-2017.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.

SILVA, Alexander Meireles da. *Literatura inglesa para brasileiros*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *A estrutura do romance*. 3. ed. Coimbra: Almedina, 1974.

SONEGO, Fatima Ines. *Ironia em Orgulho e preconceito*. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/4mostra/pdfs/343.pdf>. Acesso em: 2 maio 2020.

TAVARES, Selena Comerlato. *Economia em Jane Austen: dinheiro, ética e casamento*. 2018. Trabalho de Conclusão de Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

WALKER, Linda Robson. *Jane Austen and Tom Lefroy: Stories*. Jane Austen society of North America: Persuasions On-Line, 2006. Disponível em: <http://jasna.org/persuasions/on-line/vol27no1/walker.htm?>. Acesso em: 29 de ago. 2020.

WATT, Ian. O realismo e a tradição posterior: um comentário. In:_____. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. cap. 8. p. 252-262.

ZARDINI, Adriana Sales. O universo feminino nas obras de Jane Austen, Belo Horizonte, v.17, n.2, p.1-14, 2011, *EmTese*. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/viewFile/3731/3695>. Acesso em: 30 maio 2020.